

OS CHAPMANS
Alice

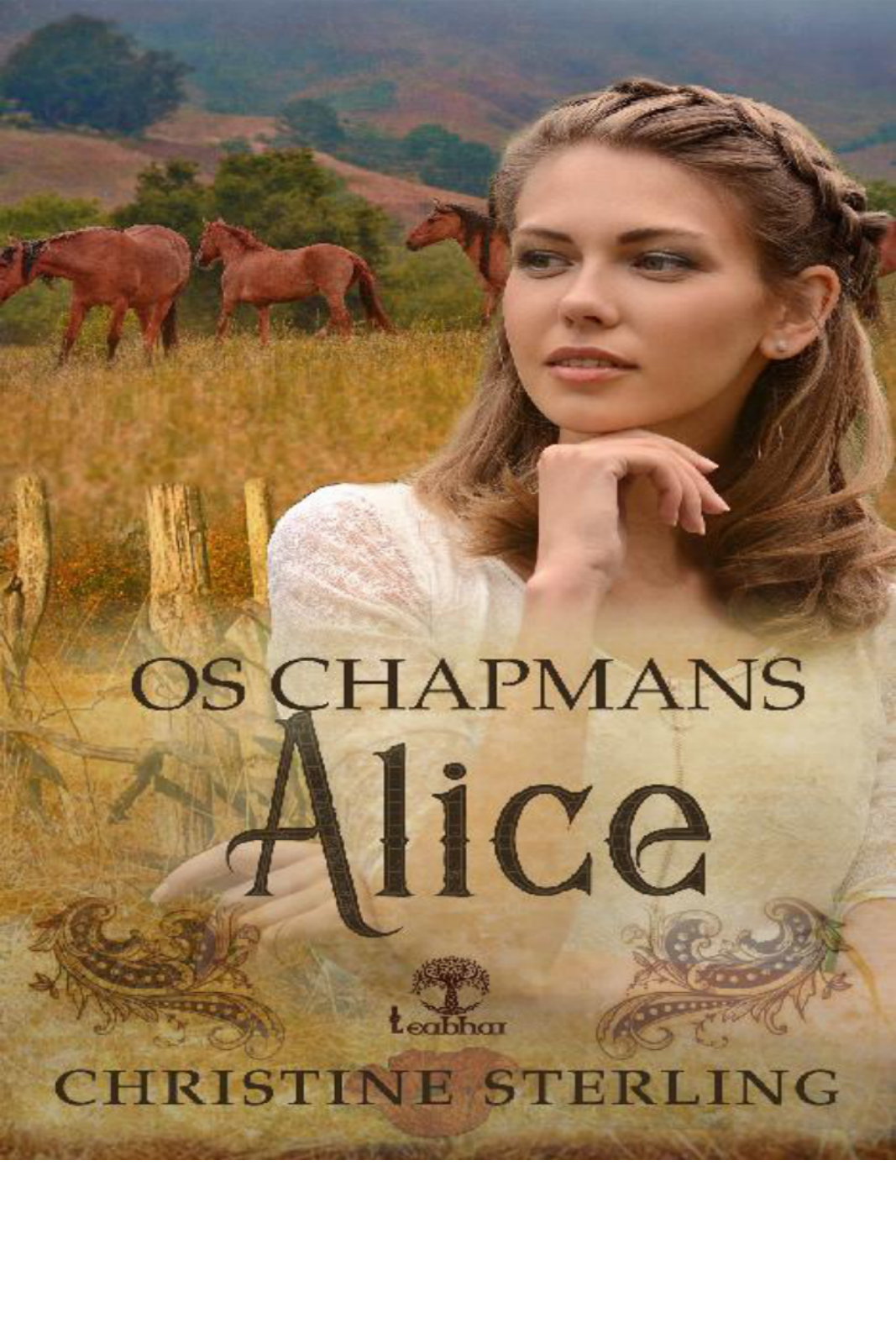


leabhar

CHRISTINE STERLING

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



OS CHAPMANS

Alice


teabhar

CHRISTINE STERLING

Alice

CHRISTINE STERLING

OS CHAPMANS

1ª Edição



2023

Ribeirão Preto/SP

DIREITOS AUTORAIS



Título Original: Alice
The Chapmans #5
Copyright©2020 por Christine Sterling
Copyright da tradução©2023 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres
Revisão: Raquel Ribeiro
Diagramação e adaptação de Capa: Labellaluna Web®
Arte capa: Virginia McKevitt

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

S838lbe

Sterling, Christiane

Título: Alice(recurso eletrônico) - ©2023 Leabhar Books Editora

Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de Alice © 2020 - Christine Sterling..

Formato: Livro digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-151-3

1. Western. 2.Americano. 3. Flôres, R. I. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

AGRADECIMENTOS



Primeiro a Deus. Depois, para Dan e minhas filhas, Rebecca, Nora e Elizabeth, por seu apoio e encorajamento infinitos.

Obrigada à minha equipe editorial, Carolyn e Amy por seus olhos de águia!

Quero dar um grande alô para minha querida amiga, Virginia McKevitt, pelas capas incríveis!

Aos leitores que pedem a história de Alice desde que ela apareceu pela primeira vez em *An Agent for Penelope*. Obrigada por serem persistentes e pacientes.

Obrigada à equipe da Chapman Street por tornar toda esta série possível!

Essas pessoas incríveis leram cada capítulo deste livro enquanto ele estava sendo desenvolvido e forneceram um feedback incrível! Elas também nomearam cerca de 90% dos personagens! Eu aprecio cada uma de vocês!

- Alice Kimes
- Amy Petrowich
- Ann Ferri
- Dolores Howard
- Jocelyn Logan
- Laura Park
- Lauren Sorgaard,
- Marcia Montoya
- Paulette Marshall
- Rhonda Myers
- Sandra White
- Sandy Sorola
- Sue Krznaric
- Theresa Baer
- Zona Fannin

DS CHAPMANS

WESTON CHAPMAN ♂ INGRID ALAND

OWEN CHAPMAN ♂ ELENORE BROOKS

OLIVER CHAPMAN ♂ WILLOW STEPHENS

MICHAEL CHAPMAN (F)

CALEB CHAPMAN ♂ LYDIA WHITCOMB
HARTMAN WHITCOMB

EVERETT CHAPMAN ♂ POLLY PHILLIPS

MARIANE CHAPMAN ♂ ARCHIBALD GORDON

PENELOPE CHAPMAN ♂ ANGUS HIGHTOWER

ALICE CHAPMAN

DS HARTMANS

RANDALL HARTMAN ♂ VERNA BROWN

CHATTER HARTMAN

BAXTER HARTMAN

EVANGELINE SARAH HARTMAN ♂ DUKE RICHARDS

REXFORD HARTMAN

WHITNEY HARTMAN

FRANKLIN HARTMAN (F)

ANNAMAE HARTMAN

PRÓLOGO



SETEMBRO DE 1871, SAN FRANCISCO

Alice Chapman bateu as tábuas do assoalho. A sala estava escura como breu, e ela se atrapalhou na escuridão para encontrar os fósforos e uma vela que havia procurado momentos antes.

Seus olhos se esforçaram no escuro, mas não adiantou. Não havia luz disponível, além do pequeno feixe que vinha por debaixo da porta.

A única companhia que ela teve, foi quando abriram a porta para deixarem uma bandeja com um caldo fraco e um pedaço de pão no chão de madeira.

Eles fariam a mesma pergunta e dariam a ela tempo suficiente para pegar a bandeja antes de fechar a porta novamente.

— Está pronta para obedecer?

Ela não estava.

Sabia que eles estavam tentando quebrá-la, mas ela não iria ceder. *Afinal, era uma Chapman.*

No primeiro dia, não comeu nada, mas na noite do segundo dia ela absorveu a pequena refeição. Normalmente o irmão, Jonah lhe trazia o jantar. Mas hoje, Dorcas o entregou.

Dorcas manteve a porta aberta por mais tempo e Alice aproveitou a oportunidade para olhar rapidamente ao redor da sala. Ela sabia que tinha apenas alguns momentos, antes de mergulhar na escuridão mais uma vez. Permaneceu nas sombras para que Dorcas não visse seus olhos vagando pela pequena cela. Não sabia o que havia no quarto com ela, então imaginou que se ficasse parada nada iria pegá-la.

— Alice, por favor — implorou Dorcas, enquanto colocava a bandeja no chão. — O irmão Jonah está ficando chateado.

— Eu não me importo. Quero ver Silas — Alice cruzou os braços sobre o peito, parcialmente em desafio e também para se aquecer. Ela ouviu Dorcas suspirar.

— Alice, por favor — implorou Dorcas mais uma vez. Sua voz se transformou em um sussurro abafado. — Será mais fácil se cooperar.

Alice saiu um pouco das sombras. Ela notou as olheiras sob os olhos da outra. Dorcas tinha uma aparência muito exótica – cabelos pintados e pele cor de nozes. Ela usava um vestido verde claro que contrastava com sua pele.

Verde pálido não era sua cor, pensou Alice fungando.

Alice olhou para seu próprio vestido. O pano azul brilhante agora estava manchado de sujeira e lama. A renda ao longo de sua bainha estava rasgada e presa nos dedos dos pés. Eles haviam levado seus sapatos no minuto em que ela chegou ao cativado.

Ela se inclinou para a frente e rastejou em direção a Dorcas.

— Onde está Silas? — perguntou.

— Si... quero dizer, o irmão Hiram não quer vê-la.

— Irmão Hiram? — Alice sentou-se sobre os calcanhares e olhou ao redor da cela. Foi quando viu pela primeira vez, a vela e a caixa de fósforos. Ela fez uma anotação mental antes de se voltar para Dorcas.

Dorcas assentiu. — Se tivesse se comportado, Alice, nada disso estaria acontecendo. Já estaria casada com papai.

Alice fez uma pausa. — Silas é seu pai?

Dorcas negou. — Não. Já falei demais.

Passos ecoaram pelo corredor.

— Dorcas!

Dorcas voltou-se para Alice e sussurrou-lhe: — Não posso ajudá-la.

— O que está fazendo? — o irmão Jonah se inclinou sobre Dorcas. — Tinha uma tarefa simples. Entregar a refeição dela. Não pode nem fazer isso direito, pode?

Alice espiou mais pela pequena porta. Ela não conseguia ver nada ao redor do corpo volumoso de Jonah, mas atrás de Dorcas viu uma janela. Uma janela levaria para fora e então Alice poderia correr.

— Eu - eu ... — Dorcas ergueu a mão para bloquear a palma aberta de Jonah.

— Ei... — disse Alice, pegando sua tigela de caldo. Hoje estava um pouco mais quente. Quando Jonah se virou para olhá-la, ela jogou a tigela em seu rosto e riu quando a sopa quente atingiu sua bochecha e encharcou sua camisa. Sua risada parou quando viu o rosto dele se contorcer e ele rosnar, movendo-se para a pequena cela.

Ele ergueu o braço e soltou a mão, acertando a bochecha de Alice. Ela sentiu sua cabeça cair para trás e se conectar com o chão frio.

— Vamos ver se vinte e quatro horas sem nada para comer ou beber finalmente a farão se comportar.

Ele bateu a porta e Alice ouviu a barra de madeira deslizando no lugar. Fechou os olhos por um momento, ouvindo Dorcas chorar enquanto o irmão Jonah a arrastava pelo corredor. Quando os gritos finalmente diminuíram, Alice abriu os olhos mais uma vez, deixando-os se ajustarem à escuridão.

Rolando de joelhos, ela lentamente se moveu para frente até que bateu na parede e alinhou seu ombro. Usando-a como guia, estendeu os dedos à sua frente e bateu na escuridão. Quando chegou ao canto, girou ligeiramente e continuou a se mover para frente. Não demorou muito até que seu joelho atingisse o objeto que procurava.

Ela rolou sobre os calcanhares e bateu as tábuas do assoalho até sentir a vela, um castiçal e uma pequena caixa de fósforos de metal. Desajeitada, abriu os fósforos e contou silenciosamente. Havia cinco deles. Ela puxou um e colocou a caixa de fósforos no bolso. Assim não os perderia. Se necessário, sempre poderia jogá-lo em Jonah na próxima vez que ele a visitasse.

Alcançando a parede, sentiu a textura áspera. Riscou o fósforo contra a mesma e nada aconteceu. Estava segurando o lado errado. Quando virou o palito, ele caiu entre seus dedos e desapareceu na escuridão.

— Oh, não! — gritou. O pânico estava começando a crescer dentro dela. Talvez devesse simplesmente desistir. Casar-se com aquele homem mais velho, ou com quem Silas a entregasse. Ela era um presente especial, ele lhe disse.

Ela teve um leve estremecimento ao se lembrar do sorriso lascivo de um homem mais velho que seu próprio pai! Precisava encontrar uma maneira de escapar e voltar para casa. O que seus irmãos pensariam se desistisse agora?

Quão estúpida poderia ser quando fugiu para San Francisco? Ela confiava em Silas. Ele era um evangelista itinerante e enchia sua cabeça de histórias que combinavam com os livros que ela adorava ler. Afinal, seria uma aventura.

Agora que pensava sobre isso, ele nunca prometeu se casar com ela. Alice foi quem criou o casamento. Não achava apropriado que uma jovem ficasse sozinha com alguém, mesmo que fosse um membro do clero.

Reprimiu um soluço e bateu na escuridão para encontrar o fósforo. Ela o encontrou em uma dobra de tecido e o virou, de modo que a cabeça de enxofre ficasse voltada para a parede. Com um silvo rápido, uma pequena luz lançou um brilho na sala. Movendo-se rapidamente, ela acendeu o pavio e sacodiu o fósforo. O cheiro de enxofre pairava no ar.

A vela não fornecia muita luz, mas era o suficiente para Alice ver o quarto. Era maior do que pensou inicialmente. Não havia móveis, mas, no canto, havia um penico. Era o único item além da vela e da caixa de fósforos.

Ela recuou e encostou as costas na parede.

Pensamentos sobre sua casa em Nebraska encheram sua mente. A horta de Marmee, com as macieiras ao seu redor. Eles provavelmente estavam fazendo manteiga de maçã agora. E começando a secar as abóboras para armazenamento no inverno. Alice quase podia sentir o gosto das cenouras, frescas do chão.

Sentia falta de seus irmãos - todos eles. Só fugira porque eles estavam assustando todos os pretendentes que ela tinha. Sabia que não teria chance de se casar se ficasse em Flat River. Havia um homem com quem sonhava acordada desde que era uma garotinha, mas não o via há anos.

Não importava agora.

Estava presa em um quarto escuro, sem comida, roupas limpas ou qualquer ideia de onde estava.

Sentia falta de casa.

Sentia falta de Marmee e do pai.

Alice puxou a pequena vela para mais perto e observou a chama dançar na escuridão. Dando um suspiro, encostou a cabeça na parede e sentiu o latejar em sua bochecha. A friagem penetrou em seus ossos. Puxando os braços em volta dos joelhos, ela os puxou até o queixo.

Tentou se lembrar de uma música que Marmee cantava quando eram pequenos. Cantarolando algumas notas, Alice sentiu um profundo desespero encher seu peito.

Nunca sairia dali.

Nunca mais veria sua família.

Soltando um soluço, ela caiu no chão e pressionou sua bochecha latejante contra as tábuas frias do piso. Puxou a vela para mais perto, para que ficasse alinhada com seus olhos. A chama emitia uma pequena quantidade de calor e Alice colocou as mãos em concha ao redor dela.

Não demorou muito para a vela chegar ao fundo e a chama começar a crepitar.

Alice a observou enquanto dava uma última piscada e se extinguiu na escuridão. Alice ficou lá por um momento antes de fechar os olhos.

CAPÍTULO 1



NOVEMBRO DE 1872, FLAT RIVER, NEBRASKA

Chat Hartman não chorou quando seu pai foi declarado morto pelo xerife, Orrin Briggs. Não chorou quando ele e seus irmãos cavaram a sepultura. Nem quando baixaram seu pai ao chão.

Mas chorou como um bebê quando finalmente ficou sozinho, e as palavras finais de seu pai ricochetearam em seu cérebro. *Não és meu filho.*

Não havia amor perdido entre Chat e o homem que ele identificava como seu pai. Randall Hartman era um homem duro. Tinha um temperamento explosivo, não pensava duas vezes antes de bater nos filhos, mas Randall tinha um ponto fraco.

O amor que ele tinha pela sua mãe.

Chat gostaria de poder perdoar o homem que amava tanto sua mãe. Verna Brown casou-se com Randall Hartman no comboio vindo de Boston para a Califórnia. Pelo que Chat ouviu, por meio de histórias, a estrada para o oeste não foi fácil. Mas o amor pode ser encontrado cobrindo milhares de quilômetros e assim foi.

A Sra. Chapman descobriu que estava grávida logo após o início da viagem. Se o encarregado tivesse descoberto, os Chapmans teriam sido expulsos do comboio, deixados sozinhos no país selvagem.

Imaginou que o mesmo acontecera com sua mãe. Ele não foi direto e perguntou, mas se questionava se fora por isso que *mamãe e papai ... Randall, casaram-se tão rapidamente.*

Lembrou-se de Ma dizendo a ele que logo não conseguiriam esconder a Sra. Chapman, então os dois casais decidiram deixar o vagão de comboio e construir suas vidas em uma pequena cidade chamada, Flat River, Nebraska.

Os Chapmans e os Hartmans construíram juntos uma cabana bem ao lado do riacho que desembocava no Flat River e lá permaneceram durante o inverno. Assim que a primavera chegou, os homens começaram a construir duas casas no terreno que reivindicavam por meio da Lei de Homestead.

Os Chapmans tiveram oito filhos e os Hartmans sete. Suas vidas estavam entrelaçadas em todos os sentidos. Eles honestamente pensaram que nada ficaria entre eles.

Então veio o casamento.

Owen Chapman se casaria com a irmã mais nova de Chat, Sarah. No dia do casamento, em vez da noiva que ele esperava, Owen recebeu uma carta informando que Sarah fugira com Duke Richards. Duke era um conhecido ladrão de gado, e agora Sarah também era culpada.

Os Chapman colocaram toda a família Hartman, no mesmo grupo daquele bandido.

Havia mais do que isso, mas, novamente, seus pais ficaram de boca fechada sobre a maioria das coisas. Daquele ponto em diante, os Chapmans permaneceram em seu rancho e os Hartmans, no deles. As crianças perderam instantaneamente seus amigos naquela tarde.

Chat não conseguia acreditar que sua irmãzinha era uma ladra de gado, mas não havia nada que explicasse a grande quantidade de gado que havia desaparecido. Quando Sarah e seu novo marido deixaram a área, não houve mais roubos. Até recentemente.

Chat sabia que não era Duke porque o xerife informou à família que este encontrara seu destino na ponta de uma corda. Depois disso, Sarah desapareceu e ninguém mais ouviu falar dela.

Chat tentou tirar essas lembranças desagradáveis da cabeça enquanto enfiava as roupas em um saco de linho.

— Aonde vai? — perguntou uma voz baixa, interrompendo seus pensamentos. Chat se virou para ver sua irmã mais nova, Annamae, parada na porta.

Ela estava enrolada em um cobertor e seu cabelo loiro caía em ondas pelas costas. Suas bochechas estavam coradas, muito mais escuras do que o normal contra sua pele pálida. Seus olhos pareciam afundados em seu crânio e tinham um leve tom rosa neles.

Eles quase perderam Annamae cinco anos antes, quando a escarlatina se espalhou pela cidade. Muitas das crianças não sobreviveram. Annamae lutou contra a febre e sobreviveu, mas não sem complicações.

Mesmo cinco anos depois, ela reclamava de dores nas articulações e de não conseguir se aquecer. Chat notou que ela tendia a pegar resfriados mais facilmente e eles permaneciam com ela por mais tempo do que uma pessoa saudável.

Ele lhe deu um leve sorriso e voltou a fazer as malas.

— Eu só vou ficar na cabana de caça um pouco.

— É por causa do pai?

Quando Randall interrompeu a dança da colheita, ninguém esperava que ele estivesse ali com a intenção de matar o filho de Sarah, Hart. Chat não teve escolha a não ser sacar seu revólver e matar seu pai.

— Parcialmente.

— Salvou a mim e ao Hart — Chat não respondeu. — E Alice também.

Chat congelou.

Alice.

Ela era a mulher mais bonita que ele já tinha visto. A conhecia desde

criança, mas agora não havia nada de infantil nela. Cabelos loiros, da cor do trigo no verão e grandes olhos azuis que lembravam a Chat um céu de verão sem nuvens.

— Acho que qualquer um teria feito o que era necessário.

Annamae entrou no cômodo e colocou a mão no braço de Chat. Seus olhos pálidos olharam para ele.

— Mas não o fizeram. Você sim — Annamae ficou na ponta dos pés e beijou a bochecha de Chat. — Eu gostaria que não fosse.

Chat puxou Annamae para um abraço e beijou sua testa.

— Não irei a lugar algum. Ainda estarei no rancho. Só preciso de um tempo para pensar.

— Mamãe me disse que o Sr. Wilson virá jantar.

O Sr. Wilson trabalha no rancho Chapman como cozinheiro, preparando refeições para os trabalhadores do rancho. Ma mencionou tê-lo encontrado no vagão do leste. Chat estava convencido de que havia algo mais na história, mas Ma era de boca fechada quando se tratava de fofocas.

— Eu já deveria ter ido embora.

— Por favor, fique para o jantar! — implorou Annamae. Chat deu de ombros e voltou a fazer as malas. Ele ainda podia sentir Annamae de pé ao lado dele. — Alice pode vir depois do jantar.

Isso chamou a atenção de Chat.

— Vai ficar muito escuro.

— Conhece Alice.

Sim, conhecia. Alice voltou para casa depois de ser sequestrada e se recusou a compartilhar qualquer coisa sobre sua provação.

Quando Chat descobriu que a jovem filha de Chapman havia sido sequestrada, ele foi a San Francisco para tentar localizá-la. Alice, no entanto, parecia simplesmente ter desaparecido e ele precisava retornar para casa.

Estava na cidade no mercantil quando soube que ela havia sido encontrada e reunida com sua família.

Agora ela estava em uma missão para reunir os Chapmans e os Hartmans.

— Vou parar no caminho e dizer a Alice para não vir esta noite. Ela pode visitá-la amanhã.

— Estará aqui para o Dia de Ação de Graças?

— Isso é só daqui a alguns dias.

Annamae se mexeu, deixando cair o cobertor ligeiramente. Ela se encostou na borda da porta e começou a esfregar a madeira entre as omoplatas. Lembrou Chat de um urso que ele tinha visto, e que havia feito a mesma coisa. Quando ela terminou, enrolou o cobertor em volta dos ombros e foi para o corredor.

— Marmee nos convidou. Vou fazer minha torta seca de maçã. Ma está fazendo uma *torta de vinagre*. Acho que está mais feliz agora que ela e Marmee são amigas novamente.

— Nunca deveriam terem perdido aquela amizade há tantos anos.

— Sabe o que aconteceu?

Annamae não tinha nem dez anos, então provavelmente não se lembrava de muita coisa. Chat estava além de proteger qualquer um, especialmente Sarah e Randall.

— Tinha a ver com Sarah. O marido dela estava roubando gado das fazendas — ele soltou um suspiro profundo e esfregou a mão no rosto. — Eu acho que o Sr. Chapman pensou que Pa... quero dizer, Randall... estava envolvido também.

Os olhos de Annamae se arregalaram.

— Foi ele?

— Não acho que havia qualquer prova de seu envolvimento. Mas isso não importava. O estrago estava feito.

— Eu me pergunto se Sarah vai voltar para casa agora que Hart está aqui.

Hart era filho de Sarah. Ele nasceu no Texas e foi adotado por sua prima Lydia Whitcomb e seu marido. Quando a família de Duke Richard soube do menino, Lydia deixou o Texas para trazer o pequeno Hart de volta para Nebraska e a família que poderia mantê-lo seguro.

Infelizmente, a caravana de Lydia foi emboscada na viagem para o norte, e ela, junto com Hart, acabaram viajando com Caleb Chapman em uma movimentação de gado. Em algum lugar ao longo do caminho, Lydia e Caleb se apaixonaram e se casaram.

Agora Hart tinha a proteção de ambas as famílias. Chat deu uma risadinha. Foi preciso um garotinho para uni-las.

— Eu não sei, querida. Sarah foi visitar a vovó Brown. Ela está melhor em Boston do que aqui.

— Eu sinto falta dela. Gostaria que ela voltasse para casa.

— Dez anos é muito tempo.

— Bem, vou continuar orando.

Chat coçou o queixo.

— Eu não acho que quer a volta dela. Parece que os problemas a seguem, aonde quer que ela vá.

Antes que Annamae pudesse dizer qualquer coisa, uma batida foi ouvida na porta da frente. Annamae saiu correndo do quarto para cumprimentar o visitante, enquanto Chat terminava de enfiar a última camisa na bolsa e a amarrava com um nó. Quando terminou, deixou-a na cama e foi para a sala.

Um homem que Chat não reconheceu estava sentado em uma cadeira com o tornozelo apoiado no joelho. Suas botas estavam sujas de lama e Chat notou as pegadas que vinham da porta da sala de estar. Se sua mãe visse aquela lama no chão, estaria pronta para ser amarrada.

— Quem é o senhor? — Chat perguntou, entrando na sala.

O estranho se levantou e estendeu a mão.

— Sou amigo do seu pai. Estava na cidade e soube que ele havia morrido. Só estou prestando meus respeitos.

O homem tinha mais de um metro e oitenta de altura, quase a mesma altura

de Chat. Sua pele estava pálida como se não tivesse visto o sol, e todo o lado direito estava marcado, quase como se ele tivesse sido pego em um incêndio. Um olho verde cintilou na pele enrugada.

Chat ignorou a mão à sua frente.

— Eu conheço todos os amigos de Randall. Perdoe-me, não o reconheço.

O homem baixou a mão e pegou o chapéu.

— Estive fora da cidade por alguns anos — ele se virou para Annamae. — Quando sua mãe retorna?

Annamae apertou mais o cobertor em volta dos ombros.

— Ela estará de volta esta tarde. Foi até a cidade.

O homem assentiu.

— Obrigado, querida — falou lentamente. Colocando o chapéu de volta na cabeça, ele acenou e se dirigiu para a porta. — Passarei por aqui depois do jantar, então. Preferiria que não lhe dissessem nada, gostaria que fosse uma surpresa.

Annamae o acompanhou até a porta, trancando-a depois que o estranho saiu. Chat foi até a janela e abriu a cortina. Observou o homem subir em seu cavalo e cavalgar em direção ao riacho. Por fim, baixou a cortina e voltou-se para a irmã.

— Quem era, Annie?

Annamae deu de ombros.

— Não sei. Ele me disse seu nome, mas não me lembro.

— Reconheceu-o?

Ela balançou a cabeça.

— Espero que não volte. Ele me assusta.

— Vou ver se os peões o reconhecem — tirou o chapéu de um cabide perto da porta. Colocando-o na cabeça, vestiu o paletó e abriu a porta. — É melhor limpar essa lama antes que Ma a veja.

— Promete-me que vai estar aqui esta noite? Rex e Baxter estão dormindo no campo.

— E o Whit?

— Está fora fazendo o que ele faz.

Whitney era filho de Randall por um momento de indiscrição. A família não sabia que ele existia até que Whit apareceu no rancho um dia, proclamando que sua mãe faleceu e declarando que Randall era seu pai.

Ma enfrentou Randall e deu as boas-vindas a Whitney na família. O garoto de quinze anos não conseguia evitar quem eram seus pais. Como ele era parente, os irmãos o aceitaram. Isso foi há oito anos.

Mas agora que Whitney havia perdido os pais, ele passava a maior parte do tempo em Flat River, geralmente com uma garrafa na mão. Chat não conseguia imaginar o que se passava na cabeça do irmão. Fez uma anotação mental para encontrar Whit e se certificar de que ele estava bem.

Deu um beijo rápido na bochecha de Annamae.

— Volto em breve.

CAPÍTULO 2



Não demorou muito para que Chat selasse seu cavalo, Remington, e se dirigisse para o grande campo à beira do rio. Seus irmãos estavam consertando uma cerca no pasto ao sul. Parecia que sempre havia algo a ser consertado na fazenda.

Quando chegou ao local, eles não estavam onde ele esperava. Em vez disso, os ajudantes do rancho Charlie e Scout estavam pregando o último pedaço de cerca no lugar.

Charlie espiou Chat e levantou a mão.

— O que está fazendo aqui, chefe?

— Onde estão Bax e Rex?

Scout se levantou, empurrou o chapéu para trás na cabeça e ergueu a mão para bloquear o sol.

— Eles encontraram uma cerca caída no pasto do norte.

— Caída? — Chat coçou o queixo.

O fio fraco pode quebrar devido ao atrito do gado contra ele. Eram pequenos reparos, como os que Scout e Charlie estavam consertando. Era uma questão de esticar o arame e recolocá-lo nos postes.

A maioria das cercas, no entanto, eram feitas de madeira. Como as árvores eram escassas, a madeira era trazida do leste e entregue em carroças às cidades vizinhas.

Uma cerca derrubada geralmente significava que algo pesado poderia ter caído na madeira, como uma árvore. Ou a água do rio inundado o campo e soltado as tábuas ao atravessar a cerca. Ou outro motivo. Um que Chat não queria pensar.

Não havia muitas árvores perto do pasto, e o rio não havia subido, então não teria empurrado a cerca para baixo. *Isso deixaria a terceira opção.*

— Toda a seção caiu.

As sobrancelhas de Chat se arquearam e seu estômago revirou.

— Está faltando alguma cabeça?

— Sam não disse nada quando veio buscar as ferramentas para consertá-la.

— Viu algum estranho por aí?

Scout deu um aceno com a cabeça.

— Devemos estar procurando por alguém?

— Apenas mantenha os olhos abertos e deixe Baxter saber se vir alguém.

— Claro, chefe.

Chat assobiou para Remington e se dirigiu para o pasto norte. Encontrou seus irmãos ajoelhados perto da linha da cerca martelando uma tábua no lugar.

— Ei! — chamou-os.

Baxter viu Chat se aproximando e acenou com a mão em saudação. Ele se levantou e enfiou o martelo em uma bolsa de trabalho.

— O que está fazendo aqui? — Rex perguntou, movendo-se para agarrar a guia de Remington. — Eu pensei que estava indo para a cabana de caça.

— Estava. Estou. Scout mencionou que uma cerca caiu.

Rex bateu na madeira.

— Parece que as estacas foram removidas. Os pregos ainda estavam nelas.

— Viu alguma pegada de cavalo?

Baxter balançou a cabeça.

— Foi a primeira coisa que procurei. Muitas pegadas para dizer se eram nossas ou de outra pessoa.

— Viu algum estranho por aí?

Rex balançou a cabeça.

— Não vi ninguém.

— Tivemos um estranho visitando a casa. Eu não o reconheci.

— Como é esse estranho?

Chat cruzou as mãos sobre a sela.

— Da minha altura. Cabelo escuro, lado do rosto completamente marcado. Parece que ele foi queimado — disse, passando o dedo pelo rosto. — Disse que conhecia Randall.

Tirando o chapéu, Baxter passou os dedos pelos cabelos desgrehados.

— Eu sei que Randall lhe disse algumas coisas feias, mas ele ainda é seu pai.

Chat não mordeu a isca, ele simplesmente deu de ombros.

— Eu só preciso saber se o viu?

— Ninguém o viu por aqui — respondeu Baxter. — Onde exatamente o viu?

— Veio até a porta. Assustou Annie.

— Annamae? — Rex era muito protetor com a irmã mais nova, então qualquer coisa que a perturbasse o preocupava.

Chat assentiu.

— Fez ela se sentir desconfortável. Eu o assustei, mas ele disse que viria esta noite depois do jantar.

Rex não hesitou quando se virou para seu irmão.

— Baxter, acho que deveria estar em casa esta noite, caso este homem volte.

— Eu posso fazer isso, Rex, mas eu ia ficar por aqui.

— Mande, Whit sair. Ele precisa de algum tempo na sela.

— Sabe onde ele está?

Rex protegeu os olhos para olhar para Chat.

— Provavelmente na cidade, na casa da Srta. Marcy.

Srta. Marcy era dona do único Saloon da cidade. Com uma população de menos de 200 habitantes, não havia necessidade de mais de um. O andar de baixo era para beber e jogar cartas, e o andar de cima... bem, nenhum dos garotos Hartmans jamais se aventurou a subir.

— Eu não tenho tempo para cavalgar até lá. Deixe Sam ficar em vez disso

— Chat sugeriu. — Aristóteles vem hoje à noite para jantar com mamãe.

Baxter arrastou o chão com a bota.

— Sei que o casamento dela com papai não foi dos melhores, mas não acho certo de que ela já o esteja substituindo.

Chat olhou para a terra à sua frente. O gado estava deitado, com seus bezerros ao redor. Devia haver uma tempestade se aproximando. Quando as vacas sentiam uma tempestade iminente — chuva ou neve; elas se deitavam no campo para preservar um local seco. À medida que o tempo mais frio se aproximava, reuniam-se em círculo para se aquecer.

Chat esperava que não houvesse uma tempestade de neve se aproximando. Ele ainda precisava chegar à cabana e preparar suas armadilhas, caso contrário, não comeria.

Chat olhou para os irmãos.

— Não é da nossa conta. Se ela está feliz e segura — acrescentou como uma reflexão tardia —, é tudo o que me importa.

— Como acha que eles se conheceram? — perguntou Rex. — Não me lembro de tê-los visto juntos antes.

Chat tinha suas suspeitas, mas não ia expressá-las. As notícias viajavam rápido. A fofoca viajava mais rápido.

— Deve ter sido há muito tempo — ele se recostou na sela. — Eu tenho que entregar uma mensagem para Annamae. Quer que eu verifique com os vaqueiros sobre o estranho?

Rex deu as costas a Chat e foi pegar suas ferramentas.

— Não. Estamos quase terminando aqui, de qualquer maneira.

Chat tirou o chapéu.

— Vou tentar estar lá para o jantar também.

— E a cabana?

— Eu posso ir amanhã em vez disso. Sem pressa da minha parte — mentiu. Além de escapar de seus pensamentos. Ele olhou para a seção da cerca que seus irmãos estavam reconstruindo.

— Vamos fazer uma contagem rápida do gado e ver se falta algum.

— Precisam da minha ajuda?

Baxter dispensou-o com um gesto.

— Nós conseguimos. Vou para casa depois da contagem.

Quando Chat se dirigiu para o rancho dos Chapman, a temperatura estava caindo. Ele puxou o colarinho para cima para bloquear o vento que soprava nas planícies. O céu ameaçava nevar e Chat queria se instalar na cabana antes que caíssem os primeiros flocos. A neve era comum depois de novembro.

Às vezes eram apenas rajadas de vento, outras, as nuvens despejavam metros de neve e as pessoas não conseguiam se mover por vários dias. Havia algo de mágico na primeira neve do ano, quando as margens do riacho ficavam cobertas de branco e as árvores transformavam a paisagem em um país das maravilhas do inverno. Depois disso, porém, nada era cativante no clima de inverno.

Foi uma viagem de quinze minutos até a casa dos Chapmans. O curral estava vazio quando Chat subiu para a varanda. Ele deslizou de Remington e amarrou o cavalo na varanda antes de caminhar os dois degraus até a porta. Levantou a mão para bater quando a porta se abriu. Penelope Chapman, arfou e levou os dedos aos lábios.

— Chatten Hartman, acho que acabou de tirar cinco anos da minha vida — ela estava vestida para o clima mais frio, a barriga inchada pressionando contra o xale.

— Eu não sabia que estava de volta à cidade, Penny.

— Eu nunca saí. Vamos ficar até o Natal.

— Aposto que Marmee está feliz com isso.

— Ela está — Penny colocou um par de luvas nas mãos.

— A Marianne também está aqui? — Marianne era a irmã gêmea de Penelope.

— Não. Ela voltou para Denver. Archie precisava dela — Archie era o marido de Marianne. Ela saiu pela porta e a fechou. — Estou indo para o celeiro. Os gêmeos estão com os cavalos, se estiver procurando por eles.

Chat balançou a cabeça.

— Não. Na verdade, vim falar com Alice.

— Alice? — Penny arqueou a sobrancelha. — Atrevo-me a perguntar, por quê?

— Eu só preciso transmitir uma mensagem de Annamae.

Penny o olhou por um momento como se não acreditasse nele. Finalmente, ela assentiu e abriu a porta, sinalizando para Chat entrar.

— Ela está na sala grande.

Chat seguiu Penny até a grande sala. Fazia anos que ele não ia à casa dos Chapmans. Dez anos, para ser exato.

Um pequeno corredor se abriu para um grande espaço aberto. Havia uma grande lareira de pedra contra a parede oposta que ia do chão ao teto.

Era uma típica sala grande pioneira - tanto uma cozinha quanto uma área de reunião. Grandes vigas com ganchos cruzavam o teto. Presuntos e sacos de linho pendiam dos ganchos. Grandes abóboras de talo amanteigado refletiam as chamas da lareira.

Acima da lareira havia guirlandas de cebolas, maçãs secas e milho. O fogo fornecia calor contra as temperaturas externas e dava à sala um brilho alegre.

Em um lado da sala havia várias cadeiras diferentes em torno de um sofá onde duas mulheres conversavam. Quando notaram Chat, pararam de falar.

Ele assentiu rapidamente, reconhecendo-as como as esposas de Oliver e

Caleb. Lembrou-se de tê-las conhecido no casamento de Owen.

No lado oposto da lareira, uma grande mesa projetava-se da parede para o centro da sala. Marmee estava sentada à mesa, quebrando nozes junto com Caleb e Alice.

Caleb estava com a perna elevada em uma das cadeiras. A área da mesa à sua frente estava repleta de nozes e pedaços de cascas quebradas. Chat lembrou algo sobre Caleb quebrar a perna durante a viagem de gado do Texas, mas não sabia os detalhes.

Observando Chat parado na entrada da sala, o rosto de Caleb ficou azedo e uma carranca substituiu o sorriso que estava lá um momento antes. Ele se virou na cadeira para pegar mais algumas nozes, colocando-as sobre a mesa.

— Boa noite, senhora — disse Chat entrando na sala.

— Chatten — Marmee chamou. Sempre o chamava pelo nome completo. Ela se levantou e se aproximou, envolvendo os braços ao redor dele. Colocando um beijo em sua bochecha, ela se inclinou para trás. — O que está fazendo aqui? Alice, pegue uma xícara extra de café.

Ele observou Alice se levantar e alisar sua saia. Ele podia ver que as pontas dos dedos dela estavam tingidas de marrom por causa das cascas das nozes. Seus grandes olhos azuis o observaram e um sorriso apareceu em seu rosto.

— Boa noite, Chat — disse suavemente. Sua voz era mel. Aqueceu suas entranhas por um momento. Ela não era muito baixa, nem muito alta. Seu cabelo loiro estava caindo abaixo dos ombros, com uma trança no topo. Usava um vestido verde liso com botões de madeira. Não poderia parecer mais bonita se tentasse.

— Está muito bonita, Alice — disse. Ele tossiu para liberar o bloqueio em sua garganta e então engoliu em seco.

Os dedos de Alice subiram e acariciaram seu cabelo.

— Obrigado. Ellie estava brincando com ele hoje.

Chat não perdeu o olhar que Caleb enviou para o outro lado da sala. Alice se inquietou por um momento antes de caminhar até o fogão.

— Café não é necessário — respondeu Chat, esperando salvá-la da viagem. — Eu só vim por um minuto.

Ele olhou para Ingrid Weston. Ela insistia que todos a chamassem de Marmee. Seu cabelo, que antes era castanho escuro, agora tinha mechas prateadas. Chat podia ver os fios prateados dos cachos aparecendo por baixo de seu gorro. Sua pele, levemente bronzeada por passar anos ao sol.

Marmee lhe deu um tapinha em sua bochecha.

— Absurdo. Fique por um minuto — ela se virou e caminhou de volta para a mesa, retornando ao seu lugar. Sinalizou para Alice com o dedo, instruindo-a a pegar uma xícara de café, antes de se voltar para Chat. — Agora, o que o traz aqui?

CAPÍTULO 3



Alice Chapman tentou acalmar seu coração acelerado. Ela caminhou rapidamente até o fogão e serviu café em uma xícara esmaltada. *O que ele estava fazendo ali?*

Chat nunca vinha sozinho à sua casa. Annamae estava sempre com ele. Mesmo quando Alice visitava os Hartmans, eles nunca ficavam sozinhos por mais de um ou dois minutos. Apenas o tempo suficiente para trocar olhares e conversar sobre coisas mundanas - como o clima.

Alice amava Chat desde que era uma garotinha, e ele pegava sapos para ela no riacho que corria ao lado dos pastos. Ele até a carregou sobre uma poça de chuva para garantir que suas botas não se molhassem. Ela sabia que, naquele caso, ele era o homem com quem iria se casar. Até fez uma declaração para sua família quando tinha apenas cinco anos de idade. Tinha toda a intenção de se casar com Chatten Hartman, então com dezessete anos. Todos riram na hora, mas não foi engraçado para Alice.

Ela se perguntou se eles ainda ririam se ela dissesse isso agora, aos dezenove anos. Eles provavelmente teriam uma reação muito diferente.

Sua família nunca a levou a sério.

Até o dia em que ela fugiu. Isso foi um alerta de que ela não era mais uma criança.

Certo, sua família saiu em uma caçada para trazê-la de volta.

Agora, eles simplesmente não a deixariam fora de vista.

O que era fácil de fazer, já que havia oito filhos na ninhada dos Chapmans. Um de seus irmãos foi morto em um tiroteio quando Alice era mais jovem. Os gêmeos Owen e Oliver eram os mais velhos, seguidos por Michael, que foi morto. Então vieram Caleb e Everett. E, finalmente, as meninas. Nasceram as gêmeas Marianne e Penelope e depois veio Alice. Ela sabia que era uma surpresa, pois Marmee achava que não poderia ter mais filhos.

Pint Jar, seus irmãos a chamavam assim, porque ela não era maior do que um quando nasceu.

Além dos irmãos, agora havia todas essas esposas. Até Everett, que jurou nunca se casar, foi para o leste para se casar com a mulher que amava. Alice não poderia pedir um grupo melhor de cunhadas. Mas ainda...

Era gente demais para o gosto dela.

Ela sabia que tinha a ver com o que aconteceu.

Fazia um ano que Penny e seu marido, Angus, a encontraram naquele pequeno quarto com várias outras mulheres. Mulheres que estavam prestes a ser levadas para um grande navio que esperava no porto. Alice estremeceu ao pensar no que teria acontecido se eles não a tivessem encontrado a tempo.

Ela olhou para sua mão segurando a caneca esmaltada. Estava acostumada com o tremor agora. O médico disse que poderia levar anos para que o trauma e os efeitos colaterais do ópio desaparecessem. Sabendo que não conseguiria levar a caneca até a mesa sem derramar, encontrou um prato e colocou-a em cima, junto com vários biscoitos.

Ela a levou de volta para Chat, jogando as cascas de nozes no chão, antes de colocar o prato a sua frente. Quando se afastou para retornar ao seu assento, seus dedos roçaram as costas da mão dele. Seus olhos voaram para ele, para ver se havia percebido o que tinha feito. Ele nem a olhou.

Ele estava respondendo a alguma pergunta que Marmee havia feito. Ela se virou e ocupou seu assento em frente a Caleb.

— Pedi a sua mãe e seus irmãos, junto com Annamae, para virem para o Dia de Ação de Graças.

— Eu sei que mamãe e Annamae virão — disse ele, pegando a caneca e tomando um gole da bebida quente. Ele levantou quando o líquido quente atingiu sua língua. Alice o observou soprar o café e tomar outro gole. — Annamae mencionou isso esta manhã. Não tenho certeza sobre o resto. Há muito trabalho a fazer na fazenda.

— Espero que venham — Alice respondeu suavemente. — Acho importante que as famílias estejam juntas.

— Temos muito a agradecer neste ano. Todos os meus bebês se casaram — Marmee olhou incisivamente para Alice —, exceto o último — ela estendeu a mão e esfregou o braço de Alice.

Alice se virou e notou Chat olhando para ela. Seus olhos eram suaves, da mesma cor do café que ele bebia. Ela não gostava muito de café, mas tinha certeza de que Chatten Hartman poderia convencê-la a gostar.

— Tenho certeza de que a Srta. Alice não terá problemas para encontrar um marido adequado — disse Chat, piscando para ela.

Caleb sentou-se reto em sua cadeira e rosnou.

— Alice nunca mais vai sair desta casa.

— Caleb Chapman, farei o que quiser.

— E veja como isso funcionou bem da última vez.

Um pequeno grito saiu dos lábios de Alice.

— Isso não está certo, Caleb.

Caleb apontou o dedo para ela.

— Posso garantir que nunca mais ficará desacompanhada.

— Caleb — Lydia chamou do sofá. —, não deixe ninguém chateado.

Alice virou-se para olhar para a cunhada. Caleb conheceu Lydia no transporte de gado para casa. O comboio dela fora atacado, houve apenas alguns sobreviventes. Lydia e seu filho estavam entre eles. Alice achou tão

romântico que eles se apaixonaram na longa viagem, e agora Caleb tinha adotado Hart, filho de Lydia.

Chat virou-se na cadeira para olhar para Lydia.

— Como está meu sobrinho? — ele perguntou a ela.

Os olhos de Lydia brilharam.

— Crescendo como uma erva daninha. Eu juro que o menino come mais do que qualquer criança que eu já conheci.

— Eu sei que mamãe gostaria de vê-lo.

Caleb rosnou baixinho novamente.

— Silêncio agora — disse Marmee, dando um tapinha em seu braço. — Verna tem todo o direito de ver seu neto.

— Vou levá-lo para uma visita — prometeu Lydia.

Chat voltou-se para Caleb.

— Como está a perna?

Caleb a tinha deslizado de volta para baixo no assento de madeira. Ele começou a girar uma das nozes na mesa. Ela girou em sua ponta por vários segundos antes de cair para o lado e rolar em direção à borda da mesa. Ele rapidamente a agarrou e repetiu a rotação da noz.

— Melhor, eu acho. Doc disse que eu preciso começar a andar mais.

— Ouvi dizer que foi uma fratura feia.

Caleb encolheu os ombros.

— Nada como ter um cavalo caindo por cima de si. Não recomendo.

Chat deu uma risada nervosa.

— O que o trouxe aqui em casa, Chat? Tenho certeza de que não foi para tomar café e perguntar sobre a perna de Caleb — perguntou Alice.

Chat terminou seu café e pousou a caneca.

— Duas coisas — ele olhou para Alice. — Annamae queria que fosse até lá, amanhã em vez de hoje.

— Eu lhe disse — interrompeu Caleb. — Ela não vai a lugar algum desacompanhada.

— Caleb — advertiu Marmee. —, não pode dizer a Alice que ela não deve ir visitar a amiga.

— Nenhum dos homens tem tempo para cuidar dela — ele apontou para sua perna em frustração. — E eu certamente não posso andar a cavalo agora.

— Eu posso acompanhá-la na ida e na volta de casa — Chat ofereceu.

Alice estalou os olhos para ele.

— Gostaria disso.

— Agora, espere um minuto...

— Silêncio, Caleb — Alice respondeu. — Só vou fazer uma visita, só isso — ela se virou para Chat. — Devemos estar de volta antes de escurecer, certo?

Chat assentiu.

— Eu irei depois do jantar e a trarei de volta antes.

— Planeje fazer sua refeição do meio-dia aqui, então — Marmee insistiu.

— Obrigado Senhora. Gostaria.

Alice observou Caleb revirar os olhos. Ela lhe deu um chute rápido por baixo da mesa. Ele semicerrou os olhos enquanto a olhava. Alice retribuiu o gesto. Sem desviar o olhar de Caleb, ela respondeu.

— Isso soa bem, Chat. Vou me certificar de estar pronta.

— Qual foi a segunda coisa, Chatten? — Marmee perguntou, trazendo a conversa para o assunto em questão.

— Eu estava me perguntando se viram algum estranho por aí? — Chat perguntou.

— Que tipo de estranho? — Caleb perguntou, empurrando-se para trás na cadeira.

— Tivemos alguém em casa hoje. Eu não o reconheci.

— Como ele era?

Chat se levantou e ergueu a mão no ar.

— Dessa altura. Tinha cabelos castanhos curtos. Metade de seu rosto estava marcado como se ele tivesse sido queimado.

Alice ouviu Lydia suspirar.

— Que terrível — disse Marmee. — Eu não vi ninguém.

— Nem eu — Caleb entrou na conversa.

— Basta manter os olhos abertos. Ele não parecia uma pessoa escrupulosa.

Lydia se levantou e caminhou para ficar atrás de Caleb.

— Espero que não seja... — ela foi interrompida pelo som da porta da frente se abrindo.

— Onde está o pai? — Oliver gritou da porta.

— Ele estava com Tot — Marmee falou. — Algo sobre um cavalo com casco fendido.

Oliver virou-se e parou quando viu Chat à mesa. Suas sobranceiras arquearam e então uma careta apareceu em seu rosto. — Hartman.

— Chapman.

— O que está fazendo aqui?

Chat pegou sua caneca.

— Tomando uma caneca de café com sua adorável família.

— Eu não acho...

Marmee levantou a mão.

— Então não faça isso. Ele é nosso convidado.

Oliver parecia que ia dizer mais alguma coisa, mas então desistiu. Balançando a cabeça, ele se virou para sua mãe.

— A senhora sabe qual celeiro?

— O principal, eu acho.

— O que está errado? — Alice perguntou.

— Temos uma cerca derrubada e vários cavalos sumiram.

— Cerca derrubada? — Chat perguntou. — Tivemos uma cerca derrubada também hoje.

— Chat disse que há um estranho na cidade — Caleb o informou.

— Caleb — Lydia tentou novamente.

— Só um minuto, Lydia — disse ele.

— O reconheceu? — Oliver perguntou.

Chat balançou a cabeça.

— É por isso que ele é chamado de estranho.

Oliver bateu com as luvas na mão.

— Acho que temos um ladrão de cavalos. Não parecia que os cavalos haviam acabado de passar.

— Caleb.

Caleb se virou e olhou para sua esposa.

— O quê?

— Parece Brody Richards.

Chat empurrou a cadeira para longe da mesa.

— Brody? Como sabe? — perguntou.

Brody Richards era irmão do ladrão de gado com quem Sarah se casou. Onde Duke foi enforcado por seus crimes, Brody cumpriu sua sentença sob o sol quente, quebrando pedras na prisão territorial do Arizona.

— Eu sei que Brody Richards faria qualquer coisa para pegar Hart. Ele foi ferido na prisão. Vangie me disse que houve um incêndio.

— Vou avisar Briggs — disse Chat. Ele se virou para Oliver. — Precisa de uma mão extra consertando a cerca?

Oliver franziu a testa.

— Por que quer ajudar?

— Porque se a gangue Richards está de volta, há mais coisas acontecendo do que apenas roubo de cavalos. Pode não gostar de mim, mas nós dois queremos o melhor para aquele garoto.

— Eu também ajudo — disse Alice. — Está abafado aqui — ela deu um olhar aguçado para Caleb.

— Querem que eu ajude também? — Willow perguntou suavemente. — Acho que terminei o bordado por hoje.

Willow era a esposa de Oliver. Ela havia sido resgatada de um homem que a ganhou em um jogo de cartas. Estava desnutrida e suja quando Oliver e Owen a trouxeram para casa. Eles a encontraram morando em uma das cabanas da fazenda, ao longo do rio. Loira e pequena, era arisca como um potro recém-nascido, mas sob os cuidados de Oliver, floresceu. Alice estava convencida de que tinha a ver com um banho quente, uma boa-noite de sono e uma refeição adequada, e não tanto com seu irmão mais velho.

Alice nunca mais deu por garantida sua cama ou comida em sua barriga.

Quando seu agressor exigiu que ela fosse devolvida, Oliver se casou com Willow, então ela teve a proteção de toda a família Chapman. Ainda nervosa, estava se abrindo mais.

Willow havia prosperado na segurança da família, mas coisas como bordado, jardinagem e até leitura eram novas para ela. Oliver estendeu o braço e Willow caminhou até ele. Colocando o braço em volta de seu ombro, ele deu

um beijo em sua testa.

— Estou sempre feliz em tê-la comigo.

Uma pontada de inveja fez cócegas na barriga de Alice. Ela queria que alguém a olhasse com o mesmo olhar que Oliver estava dando a Willow.

— Deixe-me me trocar — disse Alice, indo em direção ao quarto.

— Eu também vou — disse Willow. — Podemos encontrá-lo no celeiro dos cavalos.

Oliver deu outro beijo no cabelo de Willow e a soltou para se trocar.

Não demorou muito para Alice trocar seu vestido de dia por uma calça de montaria marrom e uma blusa azul claro. As calças de montaria nada mais eram do que uma saia dividida. As pernas eram largas na parte inferior e Alice costumava enfiá-las em um par de meias de lã que havia roubado de seu irmão. Agarrando seu xale pesado e as luvas que Everett lhe dera, ela rapidamente voltou para a grande sala.

Ficou desapontada ao ver que a sala estava vazia, exceto por Caleb e Marmee.

— Todos já foram embora? — perguntou.

— Eles estão indo para o celeiro principal para obter algum fio e deixar seu pai a par do que aconteceu.

Alice assentiu e rapidamente os seguiu porta afora. Ela estava a três metros da varanda quando Willow a chamou.

— Espere! — Alice esperou até que Willow estivesse ao lado dela, antes de caminharem em direção ao celeiro novamente. — Não sei como podemos ajudar, mas não queria mais ficar em casa — Willow deu um pequeno salto. — Está mais frio hoje.

Willow tinha a mesma altura de Alice e ambas tinham a mesma cor — cabelo loiro e olhos azuis; exceto que o cabelo de Willow era da cor do trigo dourado, enquanto o de Alice era um pouco mais escuro. O cabelo de Alice, enrolava nas pontas e estava sempre caindo dos grampos. Já Willow, tinha lindos cabelos grossos que caíam em ondas pelas costas. Alice só o tinha visto solto algumas vezes. Ellie havia ensinado Willow a pentear o cabelo, então agora ela o usava preso em um coque o tempo todo.

— Pode ficar completamente gelado no inverno — respondeu Alice. — Passamos a maior parte do tempo na sala grande.

— Ollie estava falando sobre se mudar para a nova casa logo após o Dia de Ação de Graças.

— Marmee ficará triste em vê-los partirem, mas entendo a necessidade de se mudarem para sua própria casa. Um jovem casal não quer viver com os pais para sempre — Alice puxou suas luvas, tentando bloquear um pouco do frio de seus pulsos. — Eu amo minha família mais do que tudo, mas eles podem ser um pouco demais até para mim.

— Já pensou em se casar e se mudar, Alice? — perguntou Willow.

— Sim. Mas não acho que isso vá acontecer.

— Por quê?

— Não há muitos homens elegíveis. Não quero me casar com nenhum dos vaqueiros, e os outros são muito mais velhos do que eu.

— Talvez haja alguém.

Alice parou de andar e olhou para a amiga.

— Não há ninguém — as mentiras ficaram azedas em sua língua.

Willow agarrou a mão dela e a puxou em direção ao celeiro.

— Eu acho que existe.

A respiração de Alice ficou presa na garganta.

— Eu não sei o que quer dizer.

— Eu vi o jeito que olha para ele, e o jeito que ele a olha — Willow fez uma pausa, olhando-a. Alice sentiu suas bochechas corarem sob o seu olhar.

— Está tudo bem — disse ela, finalmente. — Não vou dizer nada. Sinceramente, pensei que nunca encontraria o amor. Sou muito grata por Ollie e por esta família — ela apertou a mão de Alice. — E minhas novas irmãs.

— Estamos felizes por tê-la aqui também.

— Eu sei que os meninos são muito protetores contigo — Alice bufou. — Deixe que sejam protetores. Eles a manterão segura, até que encontre um novo protetor.

— Acho que não quero um protetor. Sou perfeitamente capaz de tomar minhas próprias decisões — Alice mordeu o lábio inferior. *Ela era capaz de tomar suas próprias decisões desde que a última decisão que tomou quase acabou com sua vida?*

Willow interrompeu seus pensamentos.

— Quanto tempo se passou desde que foi levada? — perguntou suavemente.

— Não fui levada. Eu fugi.

— Bem, quanto tempo?

— Faz pouco mais de um ano.

— Esses ferimentos vão demorar mais para cicatrizar. Ainda estou me curando, mas com o amor do homem certo, descobrirá que o processo de cura não é tão assustador.

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Por não me culpar.

— Eu nunca a culparia. Não foi sua culpa que aquele homem fosse do jeito que era.

— Diga isso aos meus irmãos. Eu preferiria que não dissesse nada a eles sobre suas suspeitas.

Willow sorriu.

— Eu não vou dizer nada. Mas não se surpreenda se eles já souberem. O Sr. Hartman tem visitado bastante a casa, desde o verão.

Era bom confiar em alguém. Alice debateu por apenas um minuto antes de dizer o que pensava.

— Aquela pergunta que me fez...

— Qual delas?

— Sobre querer me casar — Willow ergueu a sobrancelha e esperou que Alice continuasse. — Existe alguém — Willow assentiu. — Eu o amo desde criança, mas isso é tudo que sempre serei para ele. É muito mais velho do que eu. Como a idade de Ollie.

Willow riu.

— Oliver não é tão velho. Então, é quem eu penso que é?

Alice assentiu.

— Eu planejo me casar com Chatten Hartman.

CAPÍTULO 4



Chat coçou a cabeça enquanto olhava para a cerca. Algo não estava certo. Não havia como um cavalo causar aquele tipo de dano.

— O que acha, Owen? — perguntou Chat. — Se tiver alguma cerca sobressalente, podemos consertá-la rapidamente.

Owen balançou a cabeça.

— Não. Eu dei o resto para Everett. A mesma coisa aconteceu no pasto do sul. Vou para a cidade e compro um pouco amanhã pela manhã. É tarde demais para fazer qualquer coisa esta noite.

— Precisamos reunir os cavalos? — Chat perguntou.

— Eu acho que os meninos os reuniram. Colocarão os cavalos no celeiro durante a noite. Pode estar um pouco lotado, mas terá que servir até que eu conserte isso — Owen apertou a ponta do nariz. Chat reconheceu o gesto. Sempre que algo não agradava a seu velho amigo, Owen apertava a ponta do nariz na esperança de que, o que quer que fosse, iria embora.

— O que está pensando?

Owen parou de apertar e olhou para Chat.

— Estou pensando que isso não foi um acidente.

— O que acha que foi? — Oliver perguntou.

Owen nunca desviou o olhar de Chat.

— Isso fede da última vez que as cercas caíram.

— O que está dizendo, Chapman? — Chat perguntou. Ele cerrou os punhos, sentindo as unhas cravando na palma da mão.

— Eu disse...

— Pare com isso, Owen — Alice disse chegando para ficar ao lado de Chat. Ela colocou o balde de pregos aos pés e colocou a mão no braço de Chat. — Se está pensando em roubo, Chat não tem nada a ver com isso.

— É de família, eu diria — Owen zombou.

Chat exalou e se endireitou.

— Não sei o que está pensando, Chapman, mas nunca fui, nem sou agora, um ladrão de cavalos.

Ele queria tirar aquele olhar presunçoso do rosto de Owen. Em vez disso, concentrou-se na sensação dos dedos de Alice contra seu braço. Mesmo vestindo um casaco de trabalho pesado, ele podia sentir a eletricidade de seu toque.

Suas bochechas estavam coradas por causa do ar frio e seus lábios rosados fizeram beicinho quando ela olhou para Owen. Ele estava com problemas. Queria virar a cabeça dela e capturar aqueles lábios em um beijo. *Eles tinham um gosto tão doce quanto pareciam?* Chat balançou a cabeça, tentando limpar os pensamentos inapropriados sobre a bela mulher à sua frente.

— Precisa... — Alice começou.

Chat cobriu a mão com a mão enluvada.

— Eu posso lutar minhas próprias batalhas, querida — disse ele.

Owen estava olhando para a mão de Alice ainda na manga do casaco de Chat.

— O que está fazendo aqui, Alice? — perguntou a ela.

— Eu vim para ajudar.

Chat podia ver a mandíbula e os dentes de Owen cerrados.

— Entre em casa, Alice.

Alice olhou de volta para ele.

— E se eu não fizer isso?

Chat tentou não rir. Aparentemente, Alice Chapman tinha uma espinha dorsal.

Willow avançou e pegou o braço de Alice, puxando-a para longe.

— Vamos, Alice. Deixe que os homens cuidem disso.

— Eu não vou — ela bateu os pés com força.

— Agora, Alice — a declaração de Owen foi repleta de ameaças veladas.

Chat viu Willow se encolher. Ele se lembrou de Annamae dizendo algo sobre o abuso sofrido por Willow.

— Pare com isso, Owen — Oliver se colocou entre seu irmão e Alice. — Está chateando minha esposa e eu não vou tolerar isso.

O rosto de Owen suavizou.

— Desculpe, Willow.

— Vamos, querida — disse Oliver, colocando o braço em volta de Willow.

— Vamos, Pint Jar — ele agarrou o braço de Alice e conduziu as duas mulheres de volta para casa, deixando Owen e Chat sozinhos na cerca quebrada.

Pint Jar (Potinho). Ele havia se esquecido disso. O apelido combinava com ela. Ela era a menor coisa que ele já tinha visto. Pequeninha, sua cabeça atingia o meio de seu peito. Era do tamanho perfeito para abraçar.

Chat observou Alice arrastar os pés enquanto voltava para a varanda. Quando ela estava a um terço da distância da casa, se livrou do aperto de Oliver e correu de volta para a cerca.

Pegando o balde, ela olhou incisivamente para Owen.

— Esqueci os pregos — ela se virou e deu a Chat um pequeno sorriso e, em seguida, empinando o nariz no ar, ela correu em direção ao celeiro.

Ela se debateu.

Chat não conseguiu conter o riso.

— O que está achando tão engraçado, Hartman?

Chat enxugou as lágrimas dos olhos.

— Você. Apenas ouça a si mesmo.

Owen beliscou a ponta do nariz novamente.

— O que está fazendo aqui?

— Acho que temos o mesmo problema, Chapman.

— O único problema que vejo está na minha frente.

Chat olhou para o céu.

Estava ficando mais escuro.

Precisava voltar para casa antes do jantar.

Ele rezou para que o estranho não tivesse retornado.

O pensamento de Ma ou Annamae sozinha com aquele homem causava-lhe arrepios na espinha. Ele se virou para olhar para o homem que uma vez considerou seu melhor amigo.

— Eu passei para entregar uma mensagem de Annamae para Alice, e para que saibam que há alguns estranhos na área.

Owen finalmente pareceu interessado no que ele tinha a dizer. Ele inclinou a cabeça, ouvindo atentamente enquanto Chat continuava. Ele relatou o que ocorreu em ambos os pastos. Nenhum gado parecia estar faltando, mas a cerca havia caído em duas áreas.

— É quase como se alguém estivesse nos testando para ver o que aconteceria — especulou Chat.

— Vou avisar os homens para manterem os olhos abertos.

Chat grunhiu. — Estou indo para casa. Se vir alguma coisa, me avise. Dessa forma, podemos proteger nossos dois rebanhos — Chat olhou para a varanda da frente. Alice estava de pé ao lado da grade, observando-os à distância.

— Não há nada para ver aqui, Hartman.

Chat não tirava os olhos de Alice. Ele podia vê-la se esforçando para olhar para eles. Ele imaginava que ela estava na ponta dos pés, inclinada sobre o corrimão.

— Eu acho que pode haver — ele se virou para olhar para os olhos frios de Owen perfurando-o.

— Vou avisá-lo agora — disse Owen. — Fique longe de Alice. Me entendeu?

— Eu entendo. Posso não ouvir, mas entendo.

Chat se afastou de Owen e foi em direção à casa onde Remington estava amarrado. Alice ainda estava na varanda quando ele montou em seu cavalo.

— Deveria estar lá dentro, PJ — disse ele suavemente.

— PJ?

— Eu não vou chamá-la de Pint Jar. PJ combina melhor.

Ele poderia jurar que Alice corou com o carinho. Algumas mechas de cabelo caíram de sua trança e ela as puxou para trás.

Ela arrastou a ponta da bota contra a varanda de madeira.

— Ninguém, exceto minha família, jamais me deu um apelido.

Chat puxou suas luvas e moveu o dorso de Remington em uma mão.

— PJ soa muito bem para mim. Posso chamá-la assim ou vou ficar com, querida.

— Mas é assim que meus irmãos chamam suas esposas.

— De qualquer forma, é assim que vou chamá-la.

Alice desceu correndo os degraus e colocou a mão no pescoço de Remington, acariciando o cavalo enquanto olhava para ele, com os olhos arregalados.

— O vejo amanhã?

Ela parecia quase... *esperançosa*.

Chat assentiu.

— Estou ansioso para acompanhá-la — ele deu uma olhada para a cerca. Owen estava longe de ser encontrado. Inclinando o chapéu para ela, ele disse:

— Até amanhã, PJ.

— Adeus, Chatten — as palavras eram tão suaves que ele quase não as ouviu.

Ele estalou a língua e virou Remington em direção à estrada que saía da fazenda. Ao se aproximar do celeiro, Tot apareceu montado em uma grande criatura marrom, com uma moita do que parecia ser ervas daninhas em sua mão. Ao se aproximar, Chat pôde ver que era um buquê de snowdrops; pequenas flores brancas que cresciam no inverno.

— São para mamãe? — Chat perguntou.

— Acha que ela irá gostar? — Tot levantou as flores no ar.

— Acho que ninguém nunca deu flores a ela.

— Primeira vez para tudo — Tot disse. Quando o homem mais velho se aproximou, Chat finalmente pôde dar uma boa olhada no animal que Tot estava montando.

— Isso é uma mula? — Chat perguntou.

— Animal perfeitamente bom. Bom o suficiente para puxar minha carroça, bom o suficiente para montar em um ‘encontro’.

Chat esperou até que Tot o alcançasse e os dois cavalgassem em direção à propriedade Hartman.

— Vai cortejá-la, Tot?

Tot olhou para Chat, seus lábios se curvaram em um sorriso. Cada ruga no rosto bronzeado de Tot se aprofundou.

— Está bem com isso, garoto?

— Eu não sei. O marido da mãe não está enterrado há muito tempo. Não parece certo.

— Sinto muito pelo seu pai, garoto. Eu não conhecia Randall, mas parece que o homem tinha muitos demônios.

— Ele não era meu pai — disse Chat.

— Fale novamente?

Chat voltou-se para o velho.

— Eu disse, ele não era meu pai.

— Claro, ele era. Ele o criou, não foi? Ensinou-o a cultivar, caçar, pescar.
— Qualquer um pode fazer isso.
— Parece que tem muita raiva dele. É melhor soltar isso antes que se torne um veneno dentro de si.

Chat cavalgou em silêncio por alguns minutos. Finalmente, ele se virou para Tot.

— Conhecia mamãe antes dela vir para cá?

— Estávamos no mesmo vagão. Ela era a garota mais bonita que eu já tinha visto. — Tot deu uma risada aguda. — A mais corajosa também. Não consegui passar muito de Verna. Achei que poderíamos nos casar, mas não ia acontecer.

— O que aconteceu? Sei que Randall também estava no comboio.

— Estupidez, filho. Pura estupidez — Tot olhou para as nuvens enquanto se lembrava dos dias na trilha. — Foi uma jornada difícil. As coisas aconteceram e falou-se em casamento.

— Por que não se casou com ela?

— O que eu tinha a oferecer? Mal tinha dinheiro para fazer a viagem. Não tinha fazenda, nem casa, nem meios para sustentar uma esposa. Então parti.

— Partiu?

— Havia um grupo de homens que falaram sobre minas no Colorado que precisavam de trabalhadores. Então, parti para fazer fortuna e ter o suficiente para me casar com sua mãe.

— Por que não voltou?

— Eu o fiz. Levei cinco anos para encontrar aquela carroceira e descobrir que ela estava aqui em Flat River.

— Mamãe disse que eles tinham que ficar aqui porque Marmee estava grávida e o encarregado não queria que nenhum bebê nascesse na viagem.

Tot arqueou a sobrancelha.

— Isso não faz sentido.

— Por que não?

— Weston e Ingrid já eram casados. Eles se casaram no dia seguinte à nossa partida.

— Então por que eles precisariam sair do comboio?

Tot coçou os bigodes.

— Não faz sentido. Talvez Ingrid não pudesse viajar mais longe. Eles não permitem mulheres solteiras na caravana, a menos que tenham um acompanhante. Sei que Weston a apadrinhou na viagem — Tot olhou para Chat, uma carranca aparecendo em seu rosto. — Qual a data do seu nascimento, garoto?

— 23 de janeiro de 1841.

— Quando seus pais se casaram?

— Em algum momento de janeiro de 1840.

Tot balançou a cabeça.

— Não pode ser. Eu não parti até o final de junho. Eles não se casaram

enquanto eu estava no comboio.

— Então por que mamãe diria isso?

— Vai ter que perguntar a ela.

Chat contou para trás. Se ele nasceu em janeiro, isso significava que ele foi concebido...

— Abril — disse.

— Abril o quê? — Tot parecia confuso.

— Ela engravidou no final de abril — Chat notou a cor deixar o rosto de Tot. Ele estava pálido. — Então, ainda estava no comboio.

— Eu te disse, garoto. Pura estupidez.

— Ela foi a razão pela qual eles deixaram o comboio. Uma mulher solteira com um filho daria início a todo tipo de falação.

— Não sabe o que está dizendo.

Chat se mexeu na sela para poder olhar para Tot.

— O senhor é meu pai, não é?

— Eu não sei de nada — Tot chutou a mula. — Vá em frente, garota — a mula acelerou e Chat cutucou Remington para manter o ritmo.

— Por que partiu?

Ele podia ouvir Tot suspirar.

— Eu não sabia. Se eu soubesse da sua existência, teria ficado.

— Por que não disse nada quando voltou?

— Porque ela estava casada. Tinha outros filhos, uma casa, um marido. Eu não fazia mais parte de sua vida.

— Mas fazia. Eu estava lá.

— Não me conhecia, garoto. Tinha um pai. Fiquei na casa dos Chapmans para ficar perto de ti. Vê-lo crescer.

— Acho que preciso de tempo para pensar em tudo isso — ele se virou para Tot mais uma vez. — Arrepende-se de ter ido embora?

— Não posso mudar nada. Fiz uma bela fortuna nesses cinco anos. Tenho um pedaço de terra lá longe. Planejava morar lá assim que terminasse de trabalhar. Parece um desperdício agora — eles cavalgaram em silêncio mais uma vez. — O que vai fazer agora, Chat?

Chat encolheu os ombros.

— Não sei. Eu não quero estar na fazenda. O único lugar que posso ir é a cabana de caça. Eu ia sair hoje, mas as coisas complicaram.

— Que tipo de coisas?

— Um estranho visitando a fazenda. Nossas cercas foram derrubadas e a mesma coisa aconteceu nos Chapmans.

— O que estava fazendo lá?

— Alice viria esta noite. Eu disse a ela que não seria uma boa ideia.

— Ela viria para vê-lo?

— Não. Para visitar minha irmã.

— Hmm. Ainda bem que está saindo. Ela não sai com frequência.

— Annamae, gosta de sua companhia.

— E sente o mesmo?

— Claro. Eu também gosto da companhia dela. É agradável tê-la por perto.

— Agradável? — Tot deu uma gargalhada. — Alice Chapman não é encantadora. Ela é corajosa. Forte. Mas não agradável. Ouça-me, rapaz. Vou lhe dar um conselho que gostaria de poder ter dito ao meu eu mais jovem.

— Eu vou querer saber?

— Por que não se casou?

Chat encolheu os ombros.

— Não há exatamente muitas mulheres procurando maridos por aqui.

— Mas poderia ter colocado um... o que foi aquilo que seu irmão fez? Sabe, para trazer Ellie Beth para cá.

— Um anúncio?

Tot estalou os dedos.

— É isso. Um anúncio. Poderia conseguir um daqueles anúncios e arranjar uma esposa.

— Eu não acho. Estou bem do jeito que estou.

— Talvez seja por que existe alguém em quem já pensa como esposa? — os pensamentos de Chat foram imediatamente para a garota loira de olhos azuis. — Eu pensei assim.

— Isso nunca funcionaria. Temos muitas diferenças. E agora, não tenho nada para oferecer a ninguém. Sem rancho, sem casa.

— Bem, filho, isso é algo em que podemos trabalhar — ele chutou a mula mais uma vez. — Ah, garota — Tot gritou enquanto corria em direção à casa dos Hartmans.

CAPÍTULO 5



— Mais café, pai? — Alice perguntou, levantando o bule quente do tripé que Marmee havia colocado sobre a mesa. Ela tinha acabado de limpar a mesa e ia trazer uma panela nova. A panela esmaltada era pesada, mas Alice precisava praticar para erguê-la. O tremor não estava tão ruim hoje.

Weston Chapman assentiu, enquanto Alice servia café em sua xícara de porcelana. Era o Dia de Ação de Graças e Marmee havia colocado sua melhor porcelana. Ela a trouxera de Boston. Uma das frivolidades que Weston disse não ser necessária no Oeste, mas Marmee insistiu. Havia dezesseis talheres, e ela usou cada um deles hoje.

A mesa havia sido ampliada para acomodar todos os maridos, esposas e vizinhos.

Orrin Briggs, xerife de Flat River veio jantar porque não tinha família na área.

Os únicos Hartmans que vieram jantar foram, Ma, Rex e Annamae. Alice tentou reprimir sua decepção por Chat não ter vindo. Planejava falar com Annamae sobre isso, mas não tiveram dois minutos sozinhas.

Alice limpou a mesa, raspou os pratos e os colocou de molho na água quente. Enquanto Willow e Ellie Beth lavavam a louça, Alice enchia as xícaras de café vazias. Ela se virou para o fogão para ver Willow secando e empilhando os pratos e Polly tirando as sobremesas da cômoda e levando-as para a mesa. Era maravilhoso que Marmee tenha tido algum descanso, já que a maior parte da limpeza coube a ela ao longo dos anos.

Everett e Polly chegaram dois dias antes, quando a neve estava começando a cair. Polly veio para o Oeste para ajudar sua melhor amiga, Ellie Beth, a se preparar para o casamento com Owen. Alice sabia que Polly havia se apaixonado por seu irmão taciturno, mas Everett era estúpido demais para perceber até que fosse tarde demais.

Pensando que Everett estava noivo de Annamae, Polly voltou para casa, e Alice pensou que era o fim, até que ouviu Caleb, de todas as pessoas, gritando como Everett era tolo. Everett partiu na próxima diligência para Grand Platte e então o comboio para a Geórgia para encontrar Polly e trazê-la de volta, como sua esposa.

Era fácil ver que todos ao seu redor estavam apaixonados. Era evidente que até Ma Hartman e Tot estavam desenvolvendo sentimentos um pelo outro.

— Guardou espaço para a sobremesa, Weston? — perguntou Marmee.

— Acho que não consigo comer mais nada, Ingrid — disse Weston Chapman, tirando o guardanapo do pescoço e colocando-o sobre a mesa.

— Apenas espere um pouco para digerir — Polly disse, colocando duas tortas na mesa. — Ma Hartman e Annamae as fizeram. Torta seca de maçã, e aquela é torta de vinagre.

— Já comeu torta de vinagre, Polly? — Tot perguntou.

— Não posso dizer que sim, mas se gostar, coloco no livro de receitas.

— É como a torta de manteiga, mas um pouco mais picante.

— Eu deveria conseguir uma receita para isso também — disse Polly. — Eu volto já — ela voltou para o balcão de tortas e trouxe um bolo com cobertura branca. A cobertura no meio do bolo estava afundando.

— Ev roubou o meio de novo? — perguntou Owen.

Everett nem tentou parecer envergonhado.

— Eu tive que testar para todos. Sabe, certificar-me de que estava delicioso — ele piscou para Polly.

— E está? — Alice perguntou.

Everett gentilmente a empurrou com o cotovelo e se inclinou.

— O melhor — sussurrou, se afastando e rindo.

Alice deu uma risadinha e voltou ao fogão para fazer um segundo bule de café, os sons de sua família conversando enchendo seus ouvidos.

Este ano eles estavam comemorando.

Comemorando uma colheita abundante do jardim de Marmee, feno abundante e grãos nos armazéns para manter o gado alimentado durante o inverno, novos casamentos, um novo neto em Hart e bebês iminentes.

O Dia de Ação de Graças do ano passado aconteceu logo depois que Alice foi encontrada e, embora os Chapmans se sentissem extremamente gratos por ela estar em casa, não houve muita comemoração. Ela se lembra de ter ficado em seu quarto por meses. Não foi até esta primavera que ela se sentiu forte o suficiente para se aventurar ao ar livre.

Agora, ela estava participando mais das atividades familiares normais, embora o nível de ruído fosse um pouco demais para ela. Falando em barulho... ela podia ouvir a voz de Hart se sobressair a mesa.

— vou ver os filhotes — disse ele.

— Hart, já os viu várias vezes — Lydia o lembrou. — Trigger provavelmente precisa de uma pausa — Trigger era a cadela pastora líder do rancho. Ela tinha acabado de dar à luz três filhotes, que se pareciam muito com os cachorros Blue Lacy que Caleb trouxera do Texas.

— Ela gosta de mim, mãe — Hart disse como se isso explicasse tudo.

— Que tal me mostrar os filhotes? — Annamae ofereceu. — Eu não posso comer sobremesa agora.

Esta era sua chance de ficar sozinha com Annamae, pensou Alice.

— Irei também assim que o café estiver pronto — gritou para eles.

Hart enfiou a torta na boca o mais rápido possível.

— Vamos — murmurou em torno das maçãs e crosta. Agarrando a mão de Annamae, ele a puxou em direção à porta da frente.

— Precisa do seu casaco e luvas, Hartman — Lydia gritou.

O menino arrastou os pés no chão, mas, a contragosto, permitiu que a mãe lhe fechasse o casaco e amarrasse os cordões do chapéu sob o queixo.

Annamae tinha colocado seu xale e luvas.

— Não vamos demorar — disse ela à Lydia.

O café tinha acabado de ferver, então Alice o levou para a mesa e colocou o bule de volta no tripé.

— Eu também vou para o celeiro — ela beijou Marmee na bochecha. — Estava tudo delicioso. Vou comer a sobremesa mais tarde.

Colocando um pesado xale sobre os ombros, um chapéu e as luvas saiu para o ar frio e escuro. Havia uma luz no celeiro, e ela podia ver as silhuetas de Annamae e Hart enquanto eles cruzavam o chão duro. A neve começava a cair e iluminava o céu de inverno. Alice colocou a língua para fora para pegar alguns flocos enquanto eles esvoaçavam no ar.

Alcançando Annamae e Hart quando entravam no celeiro, Alice os seguiu até o grande celeiro. O cheiro de esterco e animais almiscarados encheu suas narinas. Mesmo tendo crescido cercada de gado durante toda a sua vida, ela ainda torcia o nariz toda vez que entrava ali. Ela passou pelas lanternas de óleo penduradas em ganchos em direção aos baldes de ração, barris de grãos e a carroça vazia com um forçado esperando para limpar as baias.

Quando alcançou os cercados com suas meias portas, ela parou para coçar Splinter, a gentil égua malhada cinza. Splinter enfiou o nariz por cima da baia e cutucou Alice com o focinho.

— Eu não tenho nada que lhe interesse aqui, menina — disse ela, empurrando a cabeça do cavalo ligeiramente para trás. Splinter deu um relincho de desaprovação. Alice acariciou gentilmente a cabeça do animal mais uma vez e passou pelos currais contendo os cavalos de trabalho, até o último curral onde Annamae e Hart estavam ajoelhados no feno. Hart já havia tirado o casaco e o chapéu e os jogado para o lado.

— Olhe como eles são lindos — Annamae arrulhou enquanto acariciava a cabeça de Trigger.

Trigger era uma Cracker Cur de cor castanha. Parte cão de caça, parte buldogue, era toda pernalta, com constituição atarracada e cabeça grande. Alice podia ver os músculos da perna de Trigger se contraindo enquanto ela cuidava dos filhotes.

— Há um balde, tia Alice — disse Hart, apontando para um fora da baia.

Alice virou-o e colocou-o na palha. Estava empoeirada e tinha o cheiro de cavalo. Alguns fiapos se agarraram à borda de sua saia quando se sentou. Esfregando o nariz para aliviar a poeira do celeiro, olhou para os filhotes. Eles tinham cerca de duas semanas de idade e seus olhos tinham acabado de se abrir.

— Já os nomeou, Hart? — Alice perguntou.

Hart balançou a cabeça.

— O pai diz que tenho que esperá-la. Que é quem sempre nomeia todos os animais no celeiro.

Alice se inclinou para frente e esfregou um dedo em um dos filhotes. Tinha pelos grisalhos - não muito escuros, nem muito prateados, com manchas castanhas.

— Que tal eu deixá-lo nomeá-los desta vez — ela disse dando a Annamae uma piscadela rápida.

— Me deixaria fazer isso?!

— Claro que sim — Alice bagunçou o cabelo do menino. — É o seu trabalho agora, como o Chapman mais jovem.

— Então, depois será o próximo Chapman? Quando nascem?

— Se eles estiverem aqui e quando tiverem idade suficiente. Até então, é o seu trabalho.

— Vou precisar contar ao papai.

— Podemos fazer isso quando voltarmos para dentro. Então, comece a pensar em nomes.

Annamae pegou um cachorrinho e o colocou em sua saia. Ela mexeu um pouco as pernas, então o filhote ficou preso entre os joelhos. Trigger deu uma lambida na mão de Annamae antes de se mover para limpar o topo da cabeça do filhote.

— Posso perguntar a mamãe se podemos arranjar um cachorrinho. Eu sei que Rex gostaria de um novo cão pastor.

— Eles são filhotes muito bons — Alice observou Hart pegar cada filhote e segurá-los gentilmente. Sem tirar os olhos do menino, ela disse: — Fiquei triste porque seus outros irmãos não puderam estar aqui esta noite.

Annamae deu de ombros.

— Baxter está com um bezerro doente e quem sabe onde Whitney está.

— E o Chat? Ele está ajudando com o bezerro?

Annamae piscou várias vezes.

— Não. Ele não mora mais em casa.

Se Alice estivesse segurando um cachorrinho, ela certamente o teria deixado cair.

— Ele partiu? Para aonde ele foi?

— Para a cabana.

Ela queria perguntar mais, mas uma sombra passou por ela. Viu os olhos de Annamae brilharem. Virando-se, Alice viu Sawyer Mills apoiado em um poste. Ele estava olhando para Annamae com um sorriso.

— Boa noite, senhoritas — disse ele, tirando o chapéu. — Hart. Jantaram bem?

Annamae deu uma risadinha nervosa. Alice olhou para ela com o canto do olho.

— Sim, obrigada. Como foi o seu?

Sawyer esfregou a barriga.

— Tot garantiu que tivéssemos um bom jantar. Acho que não comia tão bem há muito tempo.

Alice o observou por um momento. Pegando um cachorrinho, ela o segurou no ar.

— Eles não são simplesmente adoráveis?

— Eles com certeza são lindos — ele disse, seus olhos nunca deixando Annamae.

Alice tentou não rir. Ficou claro que o belo cowboy estava apaixonado por sua melhor amiga.

Annamae corou e desviou o olhar.

— Annamae fez uma torta seca de maçã. Quer uma fatia?

— Parece delicioso.

Annamae colocou o filhote de volta no chão e se levantou.

— Eu já volto — disse, passando por Sawyer para ir para a casa. Enquanto ela passava, Sawyer agarrou seu braço.

— Vou acompanhá-la de volta para a casa. Está muito escuro lá fora.

Annamae deu a ele um sorriso tímido e eles partiram, deixando Alice e Hart sozinhos no celeiro.

Era evidente que ela não conseguiria nada de Annamae em relação a Chat. Sua amiga estava muito apaixonada por um cowboy loiro de olhos azuis.

Ela deu um pequeno suspiro e colocou o cachorrinho ao lado de seu irmão de ninhada que dormia pacificamente. O filhote fuçou até encontrar uma teta e começou a mamar.

— Eu me pergunto se eles são meninos ou meninas — disse Hart.

— Bem, vamos verificar — ela pegou o cachorrinho de Hart e gentilmente o virou. — Essa aqui é uma garotinha — Alice devolveu o filhote e pegou outro. — Esta é outra garotinha.

— Duas garotas? — Hart sorriu.

— Uh-huh — Alice pegou o último cachorrinho que estava tentando comer. O filhote se recusou a desistir de sua refeição, então Alice apenas levantou seu traseiro. — E esta também é uma garotinha.

— Três meninas. Espere até eu contar para o papai.

— Seu pai ficará tão animado quanto está agora.

— Vou chamar esta, de Patches, porque parece que tem manchas por todo o corpo. — ele apontou para o próximo filhote. — Essa vai ser a Sra. Wiggles, porque ela se mexe muito. E essa, será Scamp — disse, acariciando a menor da ninhada.

— Por que esse nome?

— É assim que papai me chama — Alice deu uma risada. O rosto de Hart ficou sério. — Eu me pergunto se posso ficar com elas?

— Como são todas meninas, não podemos mantê-las na fazenda.

— Por que não?

Alice mordeu o lábio inferior. Ela não estava preparada para ter aquela conversa com Hart. Ela tentou pensar em uma resposta que pudesse agradar

ao menino. Se ela tivesse sorte, ele ficaria satisfeito e não faria mais perguntas.

— Bem, existem fazendeiros em todo Nevada que precisam de bons cães como estas. Quando tiverem idade suficiente, essas filhotinhas irão para novos lares.

— Então, elas podem pastorear gado como Trigger.

— Exatamente.

— Eu me pergunto se poderei vê-las quando forem para suas novas casas.

Alice sorriu. Hart tinha um coração que amava os animais.

— Bem, se sua tia Annamae levar uma das filhotinhas, tenho certeza de que poderá vê-la sempre que quiser — ela pegou o chapéu de Hart. — Nós provavelmente deveríamos entrar. Está esfriando mais aqui fora.

— Não podemos ficar só mais alguns minutos? — disse, acariciando as costas de Trigger.

— Trigger está descansando e acho que as filhotinhas precisam dormir, assim como os meninos — Alice deu um tapinha no nariz de Hart. Ele deu uma risadinha e pegou o chapéu dela. — Vamos colocar isso — disse ela, segurando o casaco dele.

Hart enfiou os braços no casaco e virou-se para Alice abotoá-lo. Ele colocou o chapéu enquanto Alice devolvia o balde ao seu lugar. Hart estava puxando suas luvas quando Alice estendeu a mão para pegar a sua.

— Tchau, Trigger. Eu te amo — ele disse, acenando para a cadela e suas filhotas. — Tchau filhotinhas. As verei amanhã.

A garganta de Alice engrossou enquanto caminhavam para a casa. Ela se lembrava de ser tão jovem e inocente. Mas não mais. Ela nunca mais teria aquele amor e fé infantis.

Eles chegaram à varanda no momento em que Sawyer estava saindo, com um prato na mão.

— Pegou sua torta? — Alice perguntou.

— Sim, senhorita — disse ele. — Faz muito tempo que não como torta caseira. Vou saboreá-la.

Alice disse boa noite e conduziu Hart para dentro.

Hart tirou rapidamente o chapéu e o casaco, deixando cair os dois itens na porta. Alice pensou em chamá-lo de volta, mas decidiu que era mais fácil simplesmente pegá-los e pendurá-los ela mesma. Os pendurou em uma estaca de madeira e colocou seu xale ao lado. As luvas foram jogadas em uma cesta que Marmee mantida perto da porta.

Entrando na sala, ela viu Hart sentado no colo de Caleb, contando a ele tudo sobre as filhotinhas. O resto de sua família estava espalhado pela sala, alguns dormindo em suas cadeiras.

— Tia Alice disse que eu sou o encarregado de nomear todos os animais.

— Mesmo? — Os olhos de Caleb dispararam em surpresa quando ele olhou para Alice. — Por que ela disse isso?

— Porque eu sou o menor.

— É sim — Caleb puxou Hart para um abraço. — Não é sua hora de dormir?

— Boa noite, pai. Eu te amo — Hart beijou a bochecha de Caleb e saiu de seu colo. Ele caminhou pela sala desejando boa noite a todos. Assim que terminou de distribuir abraços e beijos, dirigiu-se ao quarto que dividia com seus pais. Ao se aproximar do salão, ele se virou. — Tia Alice disse que é a pessoa mais nova que dá nome aos bichinhos. Então, suponho que quando mamãe tiver seu bebê, eles serão os mais novos. Estou bem compartilhando então. Boa noite! — ele desapareceu no corredor e todos esperaram pelo som da porta se fechando.

Assim que Hart foi para a cama, Marmee olhou para Caleb.

— Isso é verdade?

— Não íamos contar a ninguém até mais perto do Natal.

— Mas só está casado há dois meses — Caleb deu de ombros e seu rosto se abriu em um grande sorriso. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, parabenizando. Marmee enxugou os olhos com o canto da manga.

— Temos muito a agradecer este ano.

— Eu preciso ir — disse Orrin. — Está ficando mais frio a cada dia. Obrigado por uma refeição adorável, Ingrid.

— Precisamos voltar para casa também — disse Ma Hartman. — Rex, pode pegar meu casaco? — ela abraçou Marmee. — Obrigada por uma refeição maravilhosa.

— Eu preciso voltar para o barracão — Tot esticou os braços e bocejou. — Tenho certeza de que os homens deixaram uma bagunça para eu limpar. Boa noite, Marmee. Weston. Boa noite, Verna — ele disse com um brilho nos olhos.

Assim que todos saíram, Alice percebeu o quanto estava cansada. Ela iria visitar Annamae amanhã e ver se poderia descobrir mais alguma coisa sobre o paradeiro de Chat. Se despedindo, ela pegou uma vela e seguiu pelo longo corredor até seu quarto. Ela não estava mais dividindo o quarto com Penny, pois não achava justo que sua irmã acordasse todas as noites com seus pesadelos.

Fechando a porta atrás de si, foi até a mesa para acender uma das lamparinas. Ela tinha três delas sobre a mesa. Havia duas extras, no caso da primeira ficar sem óleo. Erguendo a vela para iluminar o quarto, ela levantou o vidro e verificou o nível de óleo das três. A lamparina que acenderia estava quase cheia.

A segunda estava com o nível baixo. Iria enchê-la pela manhã. A terceira também estava quase cheia. Retirando o globo de vidro, acendeu a lamparina cheia com a vela, antes de apagá-la.

Rapidamente colocou o globo sobre a chama viva e então carregou-a para a mesa ao lado de sua cama. Despiu-se e vestiu uma camisola de linho antes de deslizar para as cobertas quentes. Virando-se de lado, puxou a lamparina para mais perto para poder ver a chama.

Esperava que Chat estivesse em algum lugar quente. Annamae disse que ele estava em uma cabana. Se fosse algo parecido com as cabanas em linha que corriam ao longo do rio, Alice sabia, em primeira mão, como poderiam ser frias. Ela fechou os olhos e fez uma oração. Abrindo-os, olhou ao redor do quarto procurando a chama mais uma vez.

Olhou para a chama até que seus olhos ficaram pesados e a escuridão a dominou.

CAPÍTULO 6



— Boa menina — disse Alice, dando um tapinha no pescoço de Splinter. A neve caindo deixou uns bons quinze centímetros de branco no chão.

A notícia chegou aos ouvidos da família de que Tot havia ido para a cama com um forte resfriado. Marmee matou uma de suas galinhas que não botava mais ovos e fez sopa. Precisando sair de casa, Alice insistiu que poderia levar a refeição para Tot.

Enfiou um pote de sopa em seu alforje, junto com várias maçãs e um guardanapo cheio de biscoitos assados que roubou da grade de resfriamento. Polly deveria estar acostumada com produtos de panificação desaparecendo agora.

Caminhou até o celeiro e conseguiu selar Splinter antes que alguém percebesse que ela havia saído. Esperava que Tot tivesse tempo para uma xícara de café e uma conversa. Alice poderia usar um pouco da sabedoria do velho.

O cavalo trotou pelo riacho frio, subindo o barranco até o lado onde a cabana de Tot ficava aninhada entre os arbustos. Poucas pessoas sabiam sua localização. Alice só sabia por que Caleb a levou lá uma vez, quando precisava falar com Tot sobre as próximas campanhas de gado.

Havia um caminho gasto que corria ao longo do riacho. Embora cortasse as propriedades dos Hartmans e Chapmans, a maioria dos vizinhos o usava para viajar entre as fazendas. Ao contornar um grupo de bétulas, Alice pôde ver um cavalo cavalgando em sua direção.

Eram o reverendo e a sra. O'Brien.

Alice olhou em volta para ver se conseguia encontrar um lugar para se esconder e deixá-los passar sem notá-la. A última pessoa com quem ela queria falar era o reverendo O'Brien. Foi ele quem a apresentou a Silas. Talvez o reverendo não soubesse do caráter de Silas antes, mas certamente deveria saber agora. Ela pensou ter liberado seu ressentimento, mas agora que via o reverendo, sabia que ainda estava vivo dentro dela.

Antes que Alice pudesse guiar seu cavalo para fora do caminho, a Sra. O'Brien a viu e levantou a mão em saudação.

— Yoo-hoo! — chamou.

Alice deu um gemido baixo, mas continuou em direção ao casal. O reverendo O'Brien era um pouco mais velho que seu pai. Seu cabelo era

branco e ele tinha uma pele avermelhada com bochechas brilhantes. Sra. O'Brien tinha mais ou menos a mesma idade e seu cabelo ruivo estava apenas mostrando tons de prata. O casal nunca teve filhos, então eles assumiram a responsabilidade de supervisionar todos os rapazes e moças de Flat River.

— Senhora O'Brien. Reverendo — disse, parando quando se aproximou.

— Alice! — disse o reverendo, puxando seu cavalo para perto do dela. — O que está fazendo aqui sozinha?

— Estou indo ver Tot.

— Aristóteles? — Sra. O'Brien olhou em volta. — Ele mora aqui?

— Ele tem uma cabana um pouco mais adiante — respondeu Alice, apontando ao longe. Se remexeu sob o olhar do casal mais velho. — Eu provavelmente deveria ir. Estou levando uma sopa para ele. Ouvimos dizer que estava doente.

O reverendo sorriu.

— Caridade cristã. Fico feliz em ver que voltou ao que era antes, Alice.

Alice nunca voltaria a ser como era antes, mas não queria desrespeitar o clérigo, dizendo-o. Em vez disso, ela deu um meio sorriso. — Estou feliz que pense assim. Se me der licença, é melhor eu ir. Preciso deixar isso aqui e voltar para casa antes que escureça.

— Avise à Aristóteles que passarei amanhã para checá-lo. Estarei de volta por aqui para ver a viúva Baker, então não será nenhum problema.

Tot não era uma pessoa religiosa, então Alice duvidava que ele gostaria que o reverendo aparecesse. Ela estalou a língua para Splinter.

— Vou me certificar de deixá-lo saber — disse ela enquanto passava por eles. Alice não se virou enquanto continuava no caminho.

À distância, ela podia ver a borda da cabana. A fumaça saía da chaminé em uma fita cinza, e o som de um machado batendo na madeira encheu o ar. Ela certamente esperava que Tot não estivesse cortando lenha em sua condição.

Enquanto cavalgava ao longo da margem do riacho, havia muitos rastros de cavalos serpenteando entre as árvores e arbustos. A manada de cavalos selvagens deve ter descido para beber da água corrente. Enquanto continuavam a se aproximar da cabana, Splinter encostou as orelhas na cabeça e então, ergueu uma, sacudindo-a de um lado para o outro enquanto ouvia.

— O que está ouvindo, garota? — Alice perguntou. Sua égua estava ficando excitada. Splinter deu um pequeno relincho e começou a puxar o freio. De repente, o som de um trovão pôde ser ouvido quando uma grande nuvem branca se ergueu à distância. Alice incitou Splinter a galopar antes que a neve voadora pudesse alcançá-las. Dando uma olhada por cima do ombro, pôde ver o rebanho correndo em direção a elas. Um grande garanhão preto estava na frente.

O preto!

Este era o cavalo que iludiu Owen por tanto tempo. E agora parecia que estava caindo sobre ela. Soltou um grito e cravou os calcanhares na égua cinza, direcionando-a para as árvores e longe da beira do riacho.

Assim que chegou à clareira onde ficava a cabana, ela puxou as rédeas de Splinter, fazendo a égua parar. O rebanho trovejou; Alice podia ver o contorno dos cavalos entre as árvores e a neve subindo enquanto os cavalos avançavam.

As narinas de Splinter dilataram e ela se ergueu nas patas traseiras, dando patadas no ar.

Apertando as pernas em volta do meio de Splinter e segurando com mais força as rédeas, Alice fez uma oração silenciosa para que o cavalo parasse de lutar. Splinter deixou cair os cascos dianteiros no chão com um baque e começou a arranhar a terra. Alice nunca tinha visto sua égua se comportar dessa maneira.

— Splinter! — Alice gritou, tentando guiar o cavalo para longe do rebanho correndo. O cavalo não aceitou e empinou mais uma vez, jogando Alice no chão. A mão de Alice ainda estava em volta das rédeas, e Splinter sacudiu a cabeça para tentar se livrar. Enquanto o cavalo puxava, Alice sentiu a tira de couro cortar suas luvas. Ela rapidamente se levantou, suas botas deslizando na neve molhada. Ela apertou as rédeas com mais força e tentou puxar Splinter de volta ao chão.

— Ei! — uma voz chamou através da clareira.

Ela não prestou atenção enquanto lutava com sua égua.

Com um último puxão, Splinter conseguiu se livrar das garras de Alice. A égua soltou um relincho e empinou nas patas traseiras. Alice colocou as mãos na frente do rosto para afastar os cascos que ela sabia que viriam sobre si.

O som de um tiro cortou a clareira e Alice sentiu-se caindo quando alguém correu para ela. Ambos atingiram o chão com um baque, e a grande figura caiu em cima dela. Alice grunhiu quando estrelas se formaram diante de seus olhos. Ela podia ouvir os relinchos agitados de Splinter e o som de seus cascos cavando na terra coberta de neve.

Alice espiou por cima do ombro do homem e seus olhos se arregalaram quando viu Splinter pular sobre ela e sair atrás do rebanho. As rédeas voaram atrás do cavalo e Alice ouviu o homem gritar quando o couro o atingiu na nuca.

Alice podia ver Splinter desaparecer na manada de cavalos. Ela precisava correr atrás de Splinter, mas era impossível, com quem quer que a tivesse presa no chão.

Alice gritou de frustração.

— Saia. De cima. De. Mim — gritou, esmurrando os ombros da figura em cima dela, com cada palavra.

— Alice — disse uma voz de homem. —, pare com isso!

— Saia. De cima. De. Mim, agora! — o homem se mexeu ligeiramente, e isso deu a Alice a alavanca que ela precisava para levantar o joelho com força. Ouviu o homem gritar e rolar, soltando-a de seu abraço. Alice aproveitou a chance para sair rapidamente debaixo do homem e se afastar o suficiente para ficar de pé.

Seu joelho tinha feito seu trabalho. O homem estava rolando para frente e

para trás, segurando-se e gemendo. Seus irmãos a ensinaram bem. Quando ela finalmente saiu de seu quarto, eles passaram as noites no celeiro ensinando-lhe autodefesa. Sabia exatamente onde bater em qualquer um que tentasse mexer com ela.

Ela sabia que não era Tot, pois o homem que a empurrou para o chão era mais alto com músculos em todos os lugares certos. Sacudiu as calças de montaria e colocou as mãos nos quadris.

— Serve bem a... quem... quem quer que seja — ela precisava encontrar Splinter e voltar para o rancho. A sopa que tinha para Tot estava no alforje, então não havia razão para ela ficar por perto. Talvez seus irmãos estivessem certos.

Não devia se aventurar sozinha.

Alice parou e olhou para o homem no chão. Ele estava vestindo um casaco de trabalho marrom escuro com calças pretas e um gorro. Suas botas marrons chutavam o ar quando ele rolou para se levantar.

Ela só tinha um minuto para encontrar algo para afastá-lo. Seus olhos percorreram a clareira e espiou o machado embutido em um tronco de árvore que o homem estava usando para rachar lenha.

Rapidamente correu e agarrou o machado, lutando para soltá-lo da madeira dura. Usando o pé como alavanca, ela colocou a bota contra o tronco e puxou o mais forte que pôde. O machado cedeu e caiu no chão. Alice o pegou de volta e o colocou acima do ombro, mirando no homem que agora estava agachado na frente dela.

— Qual dos seus irmãos te ensinou a chutar assim, PJ?

Alice largou o machado e seus dedos voaram para os lábios.

— Chatten? — ela correu até Chat, que ainda tinha um joelho no chão. — O que diabos está fazendo aqui, Chat Hartman?

— Sendo espancado por uma garota.

Alice deu uma risada aguda e se abaixou agarrando o braço de Chat. Ele limpou a neve de suas calças e então se levantou para olhar para ela. Tirou o chapéu e passou os dedos pelos cabelos escuros.

— Me matou de susto — disse Alice. — Por que diabos fez isso?

— Não tinha controle de sua égua.

— Eu estava perfeitamente bem.

— Diz a mulher que quase foi pisoteada até a morte — Alice pigarreou e se dirigiu para a beira do riacho. — Aonde vai?

— Preciso encontrar minha égua.

— Ela provavelmente já se foi há muito tempo.

— Eu preciso encontrá-la.

— O rebanho está correndo. Não há como dizer para aonde eles podem ter ido agora. Eu sei que eles vêm ao riacho todas as noites para buscar água. Posso pegar sua égua então.

Alice parou e olhou para ele.

— Como devo chegar em casa?

— Por que não me conta o que está fazendo aqui?

— Eu vim ver Tot. Ouvi dizer que ele estava doente.

— Então, veio até aqui sozinha.

— Eu trouxe sopa para ele — Alice inclinou a cabeça e olhou para Chat. —

O que está fazendo aqui?

— Eu moro aqui.

— Aqui? Achei que esta era a casa de Tot.

Chat encolheu os ombros.

— Era. Agora é minha — Alice não tinha certeza do que dizer. — Por que não entra e se aquece?

— Sei lá... — Alice vinha sonhando em ficar sozinha com Chat, e agora que havia uma oportunidade para isso acontecer, ela não achou apropriado.

— Bem, eu vou entrar. Preciso cuidar do jantar... e do meu orgulho — Chat girou nos calcanhares e caminhou agilmente em direção à porta da pequena cabana. — Se sair agora, deve chegar em casa antes de escurecer — ele olhou para o céu. — Parece neve, então eu vou me mexer.

— É muito longe para ir a pé para casa — Alice bufou. — Especialmente com esta neve.

— Bem, então entre. Tome uma xícara de café e eu a levarei de volta para casa assim que recuperar o fôlego.

Alice pensou por um momento. Este era Chat. Era como um irmão para ela, não importava quais fossem seus sentimentos. Qual poderia ser o mal em uma pequena xícara de café. Alice o seguiu até a cabana de toras. Era muito maior do que parecia do lado de fora.

Havia uma grande sala com um fogão de ferro fundido dividindo-a em duas seções. De um lado ficava a cozinha, com cristaleira, pia e mesinha com duas cadeiras de madeira. O outro lado era uma área de estar com uma cadeira de balanço, um tapete trançado e um pequeno sofá.

Chat ajudou Alice a tirar o sobretudo e pendurou-o em um cabide perto da porta. Ela perdeu o chapéu quando Splinter a largou. Puxando alguns grampos, sacudiu os cachos que haviam se soltado quando foi jogada ao chão. Ela colocou os alfinetes soltos na mesa e olhou para Chat, cruzando os braços sobre a cintura.

— Deixe-me mostra-lhe o local — disse Chat, jogando o chapéu no pequeno sofá. Ele girou na sala esticando os braços de um lado para o outro. — Esta é a parte principal da casa. O fogão à lenha fornece todo o calor de que preciso, além de um lugar para cozinhar — ele caminhou até uma parede onde uma porta dava para os fundos da casa. — Aqui atrás fica o meu quarto e aquela porta — disse ele, apontando para uma que Alice havia perdido. —, é a despensa.

Alice olhou ao redor da sala. Era limpo e funcional. Além de uma toalha de mesa xadrez e do tapete trançado, o cômodo não tinha muito... conforto. Por um momento, ela sentiu pena de Chat estar sozinho naquele espaço frio.

— Hoje é quinta. Há quanto tempo está aqui?

— No dia seguinte à minha visita, mudei-me.

Alice sentou-se à mesa e passou os dedos pela toalha xadrez que estava sobre esta.

— É por isso que não foi me buscar para visitar Annamae?

— Sinceramente, acabei de receber uma notícia que me pegou de surpresa, então esqueci. Eu precisava fugir.

— Nós sentimos sua falta no jantar de Ação de Graças — Alice disse suavemente.

— Nós? — Chat foi até o armário e tirou duas xícaras, colocando-as na frente de Alice. Ele pegou o pequeno bule na parte de trás do fogão de duas bocas e encheu as xícaras antes de colocá-lo na mesa.

— Acho que eu — Alice mordeu o lábio inferior. — Embora eu saiba que Marmee também sentiu sua falta.

Chat sentou-se e deu-lhe um sorriso que a aqueceu por dentro. Seus olhos castanhos estavam brilhando.

— Me desculpe, eu perdi isso.

— Por que fez isso? Este foi o primeiro feriado em que nossas famílias voltaram a ficar juntas — Alice puxou um das xícaras em sua direção e colocou as mãos em volta dela, permitindo que o calor penetrasse em seus dedos.

— Percebi que precisava fugir. Depois que Randall tentou matar Annamae e Hart, eu precisava descobrir algumas coisas.

— Que tipo de coisas?

— Quem é meu pai? Quem eu sou?

— É Chat Hartman. O filho de Randall.

Chat balançou a cabeça e tomou um gole de café.

— Não. Randall me disse que não. Venho cuidando disso há semanas. Por fim, perguntei a Ma. Ela não quis me dar detalhes, mas foi fácil de descobrir.

— Eu não estou seguindo.

— Acho que mamãe já estava grávida quando se casou com Randall. Ela estava no vagão de comboio há meses. Quando chegaram a Flat River, tiveram que deixar o comboio. Foi quando ela se casou com Randall. Então, ninguém sabia que ela estava esperando.

— Eu sei que é por isso que Marmee e Pa se estabeleceram aqui. O carroceiro os deixou em Flat River porque Marmee estava grávida.

— Sabe alguma coisa sobre os homens e mulheres que vieram para o oeste com eles? Alguém no comboio?

Alice olhou para o teto com vigas.

— Eu sei que o amigo mais próximo de Pa viajou com eles. Eu entendo que ele partiu para a Califórnia em busca de fortuna antes que a caravana chegasse.

— Acho que esse homem pode ser meu pai.

— Como sabe disso?

— Eu passei isso em minha mente tantas vezes. Encontrei uma pilha de

cartas que Ma escreveu, mas nunca enviou. Para alguém chamado Clayton.

Alice deu uma risadinha.

— É engraçado. O nome do meio de Tot é... — De repente seus olhos se arregalaram com compreensão. — Acha que Tot é seu pai?

Chat assentiu.

— Contei a ele minhas suspeitas e ambos temos certeza de que sou seu filho. Ele partiu para a Califórnia para fazer fortuna antes da chegada de Ma. Ele nem sabia que eu nasci.

— Mas ele voltou. E está aqui o tempo todo.

Chat tomou um gole de café.

— Eu sei. Ele sabia que Ma havia se casado e estava construindo uma nova família. Não queria se intrometer.

— Mas é filho dele! — Alice chorou. Ela olhou ao redor da cabana. — É por isso que está aqui, não é? Ele lhe deu a cabana — Chat assentiu. — O que vai fazer?

— Ainda não sei. Não me sinto bem tirando uma parte do rancho dos meus irmãos. Randall o construiu. Ele era o pai deles.

— Mas Ma é sua mãe. Isso não conta para alguma coisa?

— Não funciona assim. Talvez eu fale com Oliver sobre cavalos.

— Ele gostaria disso. Então, onde está Tot? Trouxe sopa para ele.

— Faz quase uma semana que não o vejo. Sei que passa muito tempo com a mamãe.

— Ela provavelmente está grata pela companhia.

Chat deu um breve aceno de cabeça.

— Já se sentiu como se não pertencesse a algum lugar, Alice?

Alice se mexeu desconfortavelmente em seu assento.

— Sim. Às vezes ainda sinto.

Chat parecia que ia dizer algo, mas desistiu. Ele pegou o bule e encheu a xícara.

— Está com fome?

— Eu ia jantar quando voltasse para casa.

— Fiz ensopado de coelho. Gostaria de uma tigela?

— Fez?

Chat riu. — Acho que herdei isso do Tot — seus olhos brilharam quando ele a olhou. — Gostaria que ficasse e jantasse comigo. Eu te levo para casa depois. É mais solitário do que eu percebi aqui.

— Adoraria experimentar.

Chat voltou ao armário e tirou dois pratos e colheres de pau. Tirou a tampa do forno holandês no fogão e colocou um ensopado grosso nos pratos. Ele entregou um para Alice antes de encher o seu. Depois de cobrir a panela, se sentou e pegou a mão de Alice.

Alice rapidamente arrancou sua mão de seu aperto. Chat rapidamente abriu e fechou a mão várias vezes.

— O quê? — Alice perguntou.

— Eu ia dizer a bênção.

— Oh! — Alice sentiu um puxão bobo em sua mão. Ela gentilmente colocou a mão de volta na de Chat e tentou ignorar o formigamento em seu braço.

— Querido Pai do Céu — a voz de Chat ecoou pela casa. —, obrigado por esta refeição e pela companhia com quem compartilho. Em nome de Jesus, eu oro. Amém.

— Amém — Alice sussurrou. Ela pegou a colher e moveu a carne pelo prato. Estava em um molho rico e podia ver algumas raízes misturadas. Pegando um pedaço de coelho, ela deu uma mordida hesitante. O sabor explodiu em sua boca que fechou os olhos, saboreando o gostoso pedaço. — Isso é bom, Chat — disse ela, dando outra mordida.

— Estou feliz que gostou — Chat apontou para ela com a colher. — Então, agora me diga. Qual dos seus irmãos te ensinou a chutar assim?

CAPÍTULO 7



Após o jantar, Alice insistiu em lavar a louça. O ensopado foi coberto e colocado próximo ao fogo para que ficasse quente. Chat sentou-se à mesa e terminou seu café.

Ele podia imaginar Alice ali todas as noites com ele. Nunca houve um momento de paz na casa dos Hartmans. Alguém sempre entrava ou saía, interrompendo as conversas. A única vez que estava quieto era quando todos estavam dormindo.

Ali na cabana, no entanto, estava quase quieto demais.

Na primeira noite, Chat apreciou genuinamente poder adormecer com o som das corujas do lado de fora de sua janela. Na terceira noite, o silêncio o estava deixando louco. Como a casa era pequena, não havia muito o que limpar, então ele fez planos para a cabana e arredores para a primavera.

Durante o dia, ele armava ou verificava as armadilhas que havia colocado ao longo do rio. À noite, comia sozinho e rabiscava em um bloco de papel à luz de velas. Sim, ele estava feliz por ter companhia.

Quando Alice terminou de lavar os pratos, os secou rapidamente e os colocou de volta no armário.

— Não há muito aqui — disse ela, olhando para as prateleiras vazias.

— Eu não preciso de muito. Sou apenas eu aqui — respondeu, observando cada movimento dela.

Ela moveu dois potes de conserva para o lado e empilhou os pratos no armário. Seus dedos percorreram as latas de café, feijão, farinha e sal que estavam na segunda prateleira. Alice tinha a elegância de alguém que havia sido treinada nas escolas de refinamento do Leste. Isso se devia a Marmee, que, com certeza, havia frequentado pelo menos uma dessas escolas durante a juventude.

— Isso é tudo que tem?

— Ainda não fui à cidade.

— Bem, tem o básico, eu acho — ela rapidamente girou nos calcanhares e foi até a porta do outro lado da sala. — Posso?

— Vá em frente — disse Chat. — Eu não tenho segredos aí.

Alice abriu a porta da despensa e desapareceu lá dentro. Ela saiu da sala rapidamente e ficou na porta olhando para dentro. *Interessante*, pensou Chat. *Ela não gosta de espaços pequenos*. Ele se perguntou se isso tinha algo a ver

com sua prisão em San Francisco.

— Não tem muito aqui também — disse ela, olhando para ele.

— Como eu disse, não tive chance de ir à cidade.

Alice piscou várias vezes e então fechou a porta, voltando para a mesa.

— Deveríamos fazer uma lista.

— Deveríamos?

— Vou anotar aqui — disse Alice, pegando o caderno da ponta da mesa.

Chat estendeu a mão para pegá-lo, mas ela já o havia aberto e estava olhando para a primeira página.

— O que é isso? — perguntou.

— Deixe-me ver — disse Chat, estendendo a mão.

— Não — Alice continuou folheando o caderno. — Parecem planos para a cabana — ela virou a página. — E um jardim.

— São apenas ideias. Posso ter meu caderno de volta?

— Não — disse ela, dando-lhe um sorriso. — Isto é brilhante.

— Agora eu sei por que Owen fica frustrado contigo.

— Ele é apenas um pedaço de pau na lama — Alice pôs o dedo na página do jardim. — Isto parece o jardim de Marmee. É um jardim bastante grande para uma pessoa — ela virou a página novamente, e Chat pôde ver sua respiração falhar. — O que é isso? — perguntou.

Chat deu um gemido. Em letras grandes, no topo da página, lia-se Planos Futuros, com uma lista abaixo em negrito.

— Não é nada, realmente — o pânico estava enchendo seu peito. Ele não queria que ela chegasse ao final da página.

— Bem, parece alguma coisa — respondeu Alice. Ela correu o dedo pela lista lendo cada linha em voz alta. — Consertar a casa. Área livre para jardim. Construir cama — ela olhou para ele e piscou. — Está dormindo no chão?

Chat riu.

— Não. É apenas uma cama pequena.

— Oh. Construir um abrigo para cães — continuou. — Tem um cachorro?

— Não, mas acho que toda criança deveria ter um cachorro.

— Eu acho que deveria pegar uma das filhotinhas. Elas são simplesmente adoráveis — ela não lhe deu tempo para responder. — Falar com Weston — Alice piscou mais uma vez. Ele gostaria de saber o que se passava em sua cabeça. — Construir uma nova sala (pedir ajuda a Rex). Perguntar a Alice... — ela colocou os dedos nos lábios, — ... oh, meu Deus!

— Alice — Chat gemeu. Ele não tinha intenção de lhe mostrar esta lista nunca. — Não é o que pensa.

— O que devo pensar, Chat? Tem uma lista que fala sobre os planos para esta casa. Crianças. Um cão. E aqui embaixo diz que quer perguntar ao meu pai se pode se casar comigo.

— Alice...PJ...

— É verdade?

— Eu queria deixar minhas intenções conhecidas antes de pedir para

cortejá-la.

— Eu sou uma mercadoria danificada, Chat. Sei que nenhum homem vai querer se casar comigo; não importa o quanto eu queira. E se meus irmãos tivessem algo a dizer sobre isso, eu nunca sairia do meu quarto.

Chat correu até onde Alice estava sentada e puxou-a da cadeira.

— Então nós dois estamos danificados, Alice — ele alisou seu cabelo e então tocou o pedaço de renda em sua garganta. Sua voz era rouca enquanto seus olhos percorriam suas feições, guardando-as na memória. — Nós dois somos.

Alice pôs as mãos em seus ombros.

— Chat...

— Sabe o quanto eu quero te beijar?

— Então faça isso, Chat. Por favor.

Ele segurou suas bochechas e abaixou a cabeça, roçando suavemente seus lábios contra os dela. Era mais doce do que ele jamais poderia ter imaginado. Seus lábios eram macios quando se abriram sob os dele. Se banqueteceu com sua boca, afastando-se quando não conseguiu respirar nem mais um segundo. Alice olhou para ele, seus suaves olhos azuis, piscinas líquidas.

— Eu nunca fui beijada assim — disse suavemente.

— Nem eu, querida — disse ele, colocando um beijo rápido mais uma vez contra seus lábios e um mais suave contra sua testa. — Precisamos levá-la para casa.

— Não posso ficar mais um pouco?

Chat balançou a cabeça.

— Não quero que sua família se preocupe contigo. Está quase escuro — ele relutantemente a soltou. — Pode me visitar a qualquer hora — estendeu a mão para o xale dela no gancho e a ajudou a colocá-lo. — Não tinha um chapéu?

— Eu o perdi. Mas meu sobretudo tem capuz — Alice rapidamente juntou seus grampos e prendeu o cabelo para trás em uma espécie de coque. Era difícil ver sem um espelho. Ela esperava desesperadamente que não estivesse torto.

Chat colocou alguns pedaços de madeira no fogo.

— Isso vai durar até eu voltar para casa hoje à noite — depois de vestir o casaco e o chapéu, pegou um rifle que estava encostado ao lado da pilha de lenha e seguiu Alice até a varanda.

— Como vamos voltar para casa?

— Vamos levar Remington. Só preciso selá-lo.

Alice olhou em volta. Ela não viu um celeiro, ou outro abrigo.

— Onde ele está?

— Aqui nos fundos — Chat disse, andando pela lateral da casa. Na parte de trás havia um alpendre anexo à casa. Era grande o suficiente para uma carroça, com uma baia para cavalos encostada na parede. O calor da casa manteria o abrigo quente o suficiente durante o inverno.

O cavalo viu Chat e relinchou.

— Bom menino — disse Chat, enquanto esfregava o focinho de Remington. Ele prendeu uma trela no cabresto do cavalo e o guiou para fora do estábulo. Alice já estava lá com uma almofada de sela que ela encontrou pendurada na lateral da carroça. Chat sorriu. Ela seria uma boa ajudante. Conhecia uma fazenda, cavalos e uma sala de arreios. O fato dela beijar muito bem, era apenas um bônus.

Ele sorriu para ela enquanto pegava a almofada e o colocava nas costas de Remington. A sela foi colocada em seguida e Chat a prendeu na barriga do cavalo. Colocando o rifle na bainha, ele levou Remington para o ar frio.

— Vamos colocá-la aqui em cima — disse ele. Quando alcançou a cintura de Alice, ela ergueu o rosto, dando um beijo na bochecha de Chat.

— Para o que foi isso?

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Pelo jantar. Por... por tudo. Sempre foi meu protetor.

Ele sentiu um sentimento de orgulho girar dentro de si.

— Eu sempre vou te proteger, Alice. Até meu último suspiro. Agora. Para cima — envolvendo as mãos na cintura de Alice, ele a ergueu na sela. Ela era leve como uma pena.

— Sabe que eu posso montar um cavalo sozinha — disse ela, estendendo a mão para acariciar o pescoço de Remington.

— Sim. Eu sei — disse Chat. — Mas eu gostei de te ajudar — ele piscou para ela. Com um assobio, ele puxou as rédeas de Remington e o cavalo avançou.

— Não vai montar?

Ele se virou para olhar para ela.

— Eu estou bem andando — disse. Ele notou Alice esticando o pescoço, olhando para as árvores nuas em um aglomerado. — O quê?

Alice olhou para ele e sorriu.

— Só pensei ter visto alguém.

— Ninguém vem aqui.

— Eu sei — ele a viu esticar o pescoço novamente. — Talvez eu tenha imaginado.

— Não vejo nada.

— Deve ser minha mente me pregando peças então.

Não demorou muito para chegar ao riacho, onde precisavam atravessar para continuar pelo Rancho Chapman. Chat subiu na garupa de Remington, para que não se molhasse na água fria, empurrando Alice para frente no cavalo. Quando chegassem ao outro lado, ele planejava desmontar e continuar andando, mas Alice se recostou em seus braços. Ela parecia tão certa que ele não queria deixá-la.

O capuz dela havia caído para trás, então a cabeça dela estava bem perto de seu queixo. Ele se inclinou e o cheiro de feno, rosas e canela encheu seus sentidos. Era uma combinação inebriante. Cavalgaram em silêncio até

chegarem ao estábulo.

— Alice está de volta — uma voz chamou, e Chat espiou uma das esposas de Chapman correndo em direção à casa.

Chat não soltou Alice até chegarem à varanda. Owen estava parado na varanda com Marmee, cercado pelo resto das mulheres Chapmans. Caleb ainda estava de muletas, olhando para o jovem casal no cavalo.

Quando Chat chegou à varanda, deslizou de Remington e amarrou o cavalo ao poste. Então ajudou Alice a descer do cavalo e a acompanhou até as escadas. Os olhares variavam nos rostos que os encaravam. Da visão silenciosa de Owen, à preocupação no rosto de Marmee e à diversão no rosto de Penelope.

— Onde esteve, mocinha? — perguntou Owen.

— Deixe-a em paz, Chapman — disse Chat, parando na frente de Alice. — Ela teve uma provação e tanto.

— Onde está o pai? — Alice perguntou.

— Ele foi para a cidade com o xerife.

— O que o xerife Briggs estava fazendo aqui?

— Ele estava apenas transmitindo algumas informações para Weston. Seu pai deve voltar em breve e sei que ele ficará muito feliz em saber que está em casa.

— Ele provavelmente nem percebeu que eu tinha ido — Alice sussurrou.

Chat se abaixou e apertou a mão dela.

— O cavalo de Alice foi assustado pelo rebanho selvagem.

— O Preto? — Os olhos de Owen iluminaram-se.

— Splinter me jogou no chão e depois correu para se juntar ao rebanho.

— Oh, minha querida, criança — disse Marmee, descendo os degraus. Ela passou as mãos sobre Alice. — Está machucada?

— Estou bem, Marmee. Eu já estava na cabana e Chat estava lá para me salvar.

Os olhos de Owen se estreitaram mais uma vez.

— O que estava fazendo lá?

— Estava sozinha? — Caleb perguntou.

— Fui levar uma sopa para Tot. Um dos empregados disse que ele estava doente. — Alice pulou de um pé para o outro. — Mas ele não estava na cabana.

— O que estava fazendo lá, Hartman? — Caleb perguntou.

— É minha cabana agora. Eu comprei honestamente.

— Achei que Tot nunca iria vender aquela cabana — disse Penelope. — Vamos, boneca — ela estendeu a mão para Alice. — Vamos pegar um chá para nós e podemos ter uma boa conversa.

— Obrigada por trazê-la para casa, Chatten — disse Marmee, guiando Alice escada acima.

— Sim, senhora. Eu gostaria de pensar que seus filhos fariam o mesmo por minha irmã.

Owen desviou os olhos enquanto Chat o encarava. Todos se arrastaram para dentro de casa.

— Obrigada, Chat — Alice disse enquanto desaparecia atrás da porta.

Assim que Alice desapareceu, Chat voltou-se para os dois irmãos na varanda.

— Precisa ter cuidado, Owen. Quanto mais você, Caleb e o resto de seus irmãos se agarrarem a ela, mais ela vai querer lutar para ser livre.

— Nós podemos lidar com nossa irmã — disse Caleb. — Não há nenhuma razão para que esteja mais perto dela. Está me entendendo?

Chat não disse uma palavra, enquanto desamarrava as rédeas de Remington e voltava para o leito do riacho. Ao se aproximar das fileiras de macieiras, ouviu uma batida no vidro. Virando-se na sela, ele viu Alice olhando pela janela. Ela tinha a mão levantada contra o vidro. Chat acenou em despedida enquanto caminhava lentamente ao longo da beira do pasto. Quando ele se virou mais uma vez, ela havia sumido.



Alice enfiou o lápis dentro de seu diário de couro e o colocou na cama ao lado dela. Ela estava escrevendo tudo em sua mente nos últimos dias. Isso a ajudou a processar todos os seus pensamentos sem ter que confiar que alguém de sua família conhecesse seus segredos mais íntimos.

Ela não via Chat desde que ele a deixou em casa. Esperava que ele passasse para visitá-la, mas não teve essa sorte. Ela não tinha visto Annamae desde o Dia de Ação de Graças. As palavras que ele escreveu em seu caderno giravam em sua cabeça.

Pedir permissão à Weston.

Pedir Alice em casamento.

A ideia de se casar com Chat a excitava. Ele era uma pessoa honrada.

Ela queria desesperadamente vê-lo, mas não havia como escapar do olhar atento de sua família. Às vezes, seus irmãos eram muito autoritários.

Um de seus irmãos estava sempre vigiando Alice. Até Caleb desceu as escadas mancando quando ela teve que sair para o banheiro. Ele estava sentado em um tronco derrubado, cortando um galho, quando ela saiu.

Se ela fosse ao celeiro para selar um cavalo e dar uma volta, era Sawyer quem a impedia.

— Precisa falar com Owen primeiro — ele disse, seus olhos simpatizantes para a jovem. — Fui instruído a não deixá-la chegar perto dos cavalos, a menos que Owen dê a ordem.

Infelizmente, Owen não estava por perto para perguntar. Ele e Oliver tinham saído na manhã seguinte a que Chat trouxe Alice de volta para casa. Estavam determinados a encontrar o rebanho e trazer Splinter de volta. Ela pensou que talvez, Splinter voltasse para casa sozinha. Os cavalos eram muito espertos a esse respeito.

Alice se deitou na cama e rolou, levando o travesseiro com ela. Descansando as mãos no queixo, ela pensou nos próximos passos. Não

precisou pensar muito, pois houve uma comoção do lado de fora de sua janela. Rolando sobre seu diário, deslizou os pés no chão e se levantou. Podia ver as pessoas correndo em direção ao estábulo.

Deslizando os pés em chinelos de pelica, ela correu para a janela e arfou. Um de seus irmãos estava à frente com uma grande nuvem branca atrás dele. Estavam de volta! Seus olhos fitaram a grande nuvem branca. Ela não podia ver Splinter.

— Eles voltaram! — Ellie gritou no corredor. — Depressa, Alice!

Alice correu até o armário para pegar suas botas. Levou um minuto para abotoá-las e pegar o sobretudo. Correu de seu quarto para a porta da frente. Suas cunhadas e Marmee, tentavam freneticamente vestir suas roupas quentes para que pudessem participar da agitação.

Alice não esperou. Ela passou por elas e saiu correndo pela porta, descendo os degraus da varanda em direção ao estábulo. O ar frio encheu seus pulmões e ela pensou que eles poderiam estourar quando ela chegasse mais perto do paddock.

— Eles conseguiram! — Tot gritou, batendo o chapéu na coxa.

— O quê? — perguntou Alice sobre o barulho.

— Olhe!

Alice olhou para onde o velho apontava. Quando Oliver fez a curva, todo o ar deixou o corpo de Alice. *O Preto!*

O Preto liderava o rebanho, correndo no mesmo passo de Whiskey, o cavalo de Oliver. Quando Oliver virou o cavalo em direção ao paddock, os gritos dos vaqueiros subiram enquanto eles acenavam com seus chapéus no ar. Rich e Goodie abriram bem o paddock, permitindo que Oliver guiasse a manada direto para ele.

Quando os cavalos entraram no cercado, Alice viu Splinter no meio deles. Ela ainda estava usando a sela e as rédeas arrastavam no chão. Vários outros cavalos a seguiram, todos cobertos com suas grossas pelagens de inverno.

Os cavalos se moviam em círculo na cerca interna. Assim que Owen guiou o último dos cavalos para o curral, saiu do caminho para permitir que Oliver chegasse em segurança. Alice correu para o paddock e ficou na madeira inferior. Seu coração estava partido.

O garanhão era muito maior que os outros cavalos. Ele tinha que ter pelo menos dezoito mãos. Os músculos sob o pelo lustroso ondulavam enquanto circulava o curral, e sua respiração saía como fumaça quando exalava. A cada poucos passos, ele dava patadas no chão ou balançava a cabeça, a crina chicoteando em volta do pescoço.

Preto, era o cavalo mais magnífico que ela já vira.

Ela olhou em volta para todos comemorando a boa sorte. Essa manada faria de Owen e Oliver os cavaleiros mais ricos do território. Os cavalos começaram a diminuir a velocidade, mas continuaram a andar pelo paddock.

Alice assobiou e bateu palmas. Os cavalos mudaram de direção, afastando-se do barulho agudo.

— Venha aqui, Splinter — ela arrulhou.

Demorou algumas tentativas, mas a égua cinza se moveu do centro da manada para onde Alice estava inclinada sobre a cerca. Alice agarrou suas rédeas e puxou Splinter para mais perto. Ela podia ver marcas de mordidas na lateral do pescoço do cavalo. Assim que Splinter alcançou a cerca, Alice envolveu o animal com os braços e chorou.

— Vamos, Pint Jar, vamos levá-la de volta para o outro celeiro — ela sentiu a mão de Owen em suas costas.

— Vai ficar com eles?

— Eles são alguns dos melhores reprodutores que já vi.

— Precisa deixar o Preto ir.

— Alice...

— Owen, me escute. Ele não vai se dar bem lá.

— Já conversamos sobre isso antes. Agora, nós o estamos mantendo — ele se moveu para pegar as rédeas de Splinter. — Vamos levar Splinter para o outro celeiro.

Alice as arrancou de suas mãos.

— Eu posso levá-la. Agora abra o paddock — ela pulou da cerca e guiou Splinter em direção ao portão.

Os outros cavalos se moveram para o outro lado quando o portão foi aberto.

Todos menos o Preto.

Ele ficou entre o portão e seu harém como se desafiasse alguém a entrar na área de madeira.

Levando Splinter para fora do paddock, ela conduziu o cavalo de volta ao grande celeiro e entrou na primeira baia.

— Precisa de alguma ajuda? — Sawyer pôs o pé na madeira inferior da baia.

— Sim — disse Alice. — Não deveria estar comemorando com todo mundo? Owen e Oliver finalmente pegaram o Preto — ela acenou com os braços para enfatizar.

— Não está feliz com isso? Eu sei que eles queriam pegar aquele rebanho há

muito tempo.

Alice soltou Splinter e puxou a sela. Ela caminhou até o canto e deixou cair a sela pesada com um ruído.

— Acho que há coisas que não deveriam ser enjauladas.

— Como o quê?

— Pássaros. Cães. O Preto. Pessoas.

— Pessoas?

Alice deu de ombros.

— Pode pegar as escovas se vai ficar aí parado? — assim que ele se virou, Alice rapidamente enxugou os olhos. Ela não queria chorar na frente de Sawyer.

Ele pegou duas escovas na bancada.

— Deixe-me pegar um pouco de feno e água para ela — Sawyer disse entregando uma escova para Alice.

Alice assentiu e começou a escovar o pelo de Splinter. Pequenos galhos e sementes estavam presos em seu pelo. Alice moveu-se suavemente, com cuidado para não puxar desnecessariamente sua pele.

Sawyer voltou com um balde de ração e um de água. Ele os colocou em ganchos dentro da baia e Splinter bufou alegremente enquanto colocava a cara no balde e começava a mastigar.

— Obrigada — disse Alice enquanto Sawyer pegava a escova e começava a acariciar suavemente o outro lado da égua.

— Então, o que vai fazer sobre isso?

— Sobre o quê?

— Disse que as coisas não deveriam ser enjauladas.

Alice deu de ombros.

— Não há muito que eu possa fazer. Não é fácil barganhar pela sua liberdade.

— Não tenho um ponto de referência para isso.

— Poucas pessoas o fazem.

— Bem, Alice, eu sei que se deseja muito algo, ou se acha que algo errado está sendo feito, então precisa descobrir o que fazer a respeito.

— Eu também acho. Vou descobrir.

— Vá e escreva em um daqueles diários que tem.

Alice olhou para ele.

— Como sabe?

Sawyer sorriu para ela.

— Minha irmã anotava tudo. Disse que a ajudava a pensar. Talvez seja disso que precise.

Alice sorriu para ele. Colocando os braços em volta do pescoço de Splinter, ela abraçou sua égua e deu um beijo em seus grisalhos.

— Preciso de uma pomada para essas picadas.

Sawyer a enxotou.

— Eu cuidarei disso.

— Obrigada, Sawyer — ela enxugou os olhos e correu para casa.

Ignorando os chamados de sua família, ela correu pelo corredor até seu quarto e fechou a porta atrás de si. Levou apenas alguns segundos para deixar cair o sobretudo no chão. Ela arrumaria mais tarde. Pegando seu diário da cama, ela o abriu em uma página limpa.

Em uma caligrafia elegante, as palavras rodopiavam na página.

Planos futuros.

Se Chat tinha uma lista, ela poderia ter uma também. Por enquanto, sua lista era pequena, mas aumentaria conforme passasse mais tempo pensando nas coisas. Quando terminou de escrever, olhou para a lista e sorriu. Isso foi um bom começo.

Casar-se com Chat.

Mudar-se para a Cabana.

Ter uma família.

Arrumar um cachorro.

Libertar o Preto.

CAPÍTULO 8



— Chat.

Chat virou-se no mercantil para ver quem o havia chamado. O xerife Briggs foi até o balcão onde ele adicionava itens a uma pilha crescente de mercadorias.

— Eu vou levar isso também — Chat colocou 20 metros de corda enrolada no balcão antes de se voltar para o xerife. — Como está hoje, Orrin?

— Não posso reclamar. Não me faz bem.

— Estou de acordo. — Chat apontou para uma pilha de barras de metal na prateleira atrás da caixa registradora. — Aqui está minha lista e adicione duas barras de chumbo também.

— Claro — respondeu Dillon Arden, colocando as barras no balcão. Dillon Arden, possuía o único mercantil em dezesseis quilômetros. Ele o administrava com sua esposa, Rose, que estava ocupada dobrando rolos de tecido no balcão mais distante.

— Está esperando por problemas? — Orrin perguntou.

— Não. Apenas me preparando para o inverno. Achei que poderia fazer uma viagem para o terreno dos búfalos.

— Filho, os búfalos quase foram expulsos das planícies.

Chat se virou e olhou para o xerife.

— Então terei que ir mais longe.

O xerife riu.

— Não vai a lugar algum, vai?

Chat balançou a cabeça.

— Não. Só quero ter certeza de que estou protegido.

— Vou buscar o resto dos itens da sua lista — disse Dillon. Pegando o pedaço de papel do balcão, ele se moveu para buscar os itens que Chat precisava.

— Parece que tem um grande projeto em andamento.

— Tenho. Preciso preparar minha cabana para o inverno.

— Saiu da casa da sua mãe?

— Estou morando na cabana de Miller na floresta. Embora agora seja a cabana dos Hartmans.

— O antigo lugar de Tot? — Orrin coçou a bochecha. — Bem, isso é muito interessante.

Dillon voltou com os braços cheios de suprimentos e os deixou cair com o resto dos itens.

— Eu acho que é tudo o que tinha na sua lista. Vou pedir ao meu rapaz que comece a carregar os barris de café para a carroça. Algo mais?

— Deixe-me dar mais uma olhada ao redor.

— Vou começar a encaixotar isso, enquanto verifica — disse Dillon.

Chat foi até o outro lado da loja, onde os utensílios domésticos estavam alinhados. Vassouras, baldes, lavatórios estavam todos em fileiras organizadas. Ele sentiu o xerife segui-lo.

— Posso ajudá-lo com algo, xerife? — perguntou, sem se virar.

— Só queria saber se viu Alice Chapman nos últimos dias?

Os olhos de Chat se voltaram para Orrin.

— Alice? O que tem ela?

— Parece que ela encontrou o pregador há dois dias na estrada. Disse que ia visitar Tot.

Chat sentiu um aperto na barriga.

— Então?

— Tot esteve na cidade no escritório do avaliador o dia todo, então sei que ele não estava na cabana.

— Eu não sei o que isso tem a ver comigo — Chat pegou uma das vassouras e a girou pelo cabo.

— Também parece que o pregador foi à cabana ministrar a Tot, porque Alice disse que ele estava doente.

— Eu não pensei que fosse alguém que ouvisse fofocas — Chat avançou pelo corredor de mercadorias.

— Nesse caso, preciso prestar atenção. O pregador disse que quando voltou, viu Alice em um abraço íntimo com alguém. Um abraço muito íntimo.

Chat ouviu o rugido do sangue correndo para seus ouvidos.

— E ele achou necessário lhe dar essa informação?

— Está por toda a cidade.

— O quê?

— Sobre Alice. Certo, houve alguma conversa quando ela voltou para casa depois de fugir...

— Ela foi levada.

— Tudo bem, aceito. Mas agora parece que se espalhou a notícia sobre um encontro amoroso na floresta.

Os pensamentos de Chat foram imediatamente para a lembrança de Alice em seus braços e seu beijo caloroso. — Não houve nenhum encontro.

— O pregador disse que o homem se parecia muito contigo.

Colocando a vassoura contra a parede, Chat cruzou os braços sobre o peito e se virou para encarar o xerife diretamente.

— Parece que o pregador fala muito.

— Eu só estou preocupado com ela.

— Ela levou um susto. Pensou que Tot estava na cabana. Eu a levei para

casa. O que ele viu foi simplesmente ela agradecendo a um bom amigo.

— Bom amigo, hein? — o xerife balançou na parte de trás de seus calcanhares. — Bem, se a notícia se espalhar, vai tornar as coisas mais difíceis para ela.

— Já é difícil o suficiente. Ela foi presa por um homem que queria vendê-la por sabe-se lá o quê; e agora está presa em sua própria casa.

Orrin ergueu as mãos em falsa rendição.

— Só estou dizendo o que sei. É um homem inteligente, Chat. Pode descobrir como ajudá-la.

— Bem, obrigado por sua confiança em mim — Chat falou lentamente.

— O vejo mais tarde — Orrin deu meia-volta se dirigindo à porta. — Mais uma coisa — disse se virando. Chat ergueu a sobrancelha. — Preacher, está indo para a casa dos Chapmans para contar a eles o que viu.

Chat queria rugir. Queria pegar a vassoura e quebrá-la na perna. Em vez disso, cerrou os punhos várias vezes e colocou um sorriso falso no rosto.

— Obrigado por me avisar.

O xerife assentiu.

— Dillon — disse, acenando para o lojista antes de sair da loja.

Dillon olhou para Chat por um momento.

— Algo mais?

Chat pegou a vassoura e um balde e os levou até o balcão.

— Eu preciso ver suas alianças de casamento.

Alice ouviu a porta se abrir e passos ecoando na varanda de madeira. Ela estava sentada em um banco do outro lado da cerca, observando o grande cavalo preto andar de um lado para o outro.

Willow o chamou de Alcaçuz. O cavalo a havia encontrado quando ela dormia entre as raízes de uma árvore. Ela disse à família que ele a guiou até a cabana de caça, onde Owen e Oliver finalmente a encontraram.

Willow pensou que o cavalo era um anjo disfarçado.

Alice simplesmente sabia que o cavalo precisava ser solto.

Ela implorou a Owen e Oliver na mesa de jantar para deixá-lo ir, até que Weston finalmente deixou cair o punho na mesa e gritou para Alice parar.

Seu pai nunca gritou com ela.

Sem dizer uma palavra, Alice simplesmente saiu da mesa e voltou para seu quarto. Owen tentou falar com ela naquela noite. Ela ouviu suas botas baterem no corredor e parar na frente de sua porta. Ele bateu. Várias vezes. Mas Alice se recusou a responder.

Finalmente, ela ouviu Ellie Beth dizer algo e os dois desapareceram.

Na manhã seguinte, Alice pegou seu diário e saiu. E foi lá que ela permaneceu o dia todo. Sentada, observando o Preto.

— Não vai entrar, bonequinha?

Alice olhou por cima do ombro para ver Penny encostada com a barriga apoiada na varanda.

— Não deveria estar aqui fora, Penny — Alice puxou sua capa mais

apertada em volta dela. — Está muito frio para você e o bebê.

— Marmee ficaria chateada se pegasse um resfriado, querida. Por favor entre.

Alice balançou a cabeça. Ela ouviu Penny descer os degraus. Balançando os quadris, ela sinalizou para Alice se mover.

— Como está se sentindo? — Alice perguntou.

Penny colocou as mãos sobre a barriga protuberante.

— Grande — ela agarrou os dois lados do casaco e tentou fazer com que eles se encontrassem, mas não adiantou. — Estou ansiosa para ter roupas que sirvam novamente — ela deu uma pequena cutucada em Alice com o cotovelo. — É por isso que estou aqui. Marmee pode tirar todas as costuras dos meus vestidos e depois costurá-los de volta — Penny riu de sua própria piada. — O que está fazendo aqui?

— Só pensando.

— Sobre?

— Quero saber como posso tirar o Preto de lá, sem que Owen me mate no processo.

Penny soltou uma risada aguda.

— Isso não vai acontecer, bonequinha. A menos que o portão seja aberto acidentalmente, aquele cavalo não pode sair de lá. As cercas são altas demais para pular.

— Eu ainda posso desejar, não posso? — Alice observou Penny esfregar a mão sobre a barriga inchada. Alice colocou a mão sobre a própria barriga lisa e imaginou uma vida crescendo dentro dela. Um pequeno Chap... não, um pouco Hartman. Suspirando, ela sabia que precisava desistir de seu devaneio bobo. — Quanto tempo falta para o bebê nascer?

Penny contou em voz alta usando os dedos para marcar os meses desde abril.

— Cerca de uma semana — ela levantou a perna, movendo o tornozelo em movimentos circulares. — Meus pés ainda estão aí?

Alice riu.

— Estão.

— Sinto que não consigo me mexer. Vamos voltar para dentro. Eu gostaria de uma xícara de chá, e Polly tem pão de gengibre fresco assando no forno.

— Deveria estar com Angus.

— O que te faz dizer isso? — Penny ergueu a sobrancelha.

— Ele é seu marido. Eu sei que gostaria que meu marido estivesse comigo.

Penny descartou o pensamento de Alice com um aceno.

— Os homens não estão envolvidos no parto de bebês. Eu fico com o pequenino e ele chega para distribuir charutos e aí a vida continua — ela deu uma risadinha que se transformou em um soluço. — Oh, Deus. Os últimos dias foram extremamente emocionantes — Penny levantou a manga da camisa e enxugou as lágrimas.

— Por que está aqui então? Por que não está em casa com ele? O bebê de

Marianne só deve nascer em março.

— Não conheço ninguém em Denver.

— Conhece a Marianne.

— Marianne tem sua família. Archie. Todos os agentes Pinkertons. As esposas deles. São uma grande família feliz para Marianne. Eu só conheço Angus. É isso — Penny acenou com o braço pelo quintal. — Esta é minha família. Preciso ter meu bebê aqui.

— Deve, *bean gaoil*. Minha amada esposa — um sotaque escocês tomou conta das irmãs. Alice virou-se para ver seu cunhado colocando uma grande bolsa de viagem na varanda. Angus era um escocês atarracado com cabelo laranja espesso e costeletas de carneiro que podia-se ver a uma milha de distância. Como ele tinha se aproximado delas sem que ninguém ouvisse, Alice não conseguia entender.

Penny gritou e tentou se levantar do banco.

— Angus! — Alice riu enquanto empurrava o traseiro de Penny para que ela pudesse se levantar e abraçar o marido.

— Sentiu minha falta, moça?

Penny plantou beijos por todo o rosto do marido.

— Mais do que pode imaginar. O que está fazendo aqui?

— Eu disse que viria buscá-la assim que terminasse minha última tarefa.

— Como chegou aqui?

— Parece que este bom homem estava vindo para cá, então ele me deu uma carona.

O reverendo O'Brien apareceu ao lado da casa.

— Parece que encontrou sua esposa, Sr. Hightower.

— Sim — disse ele capturando Penny em um beijo que derreteria a neve.

Alice desviou os olhos. O reverendo tossiu.

— Bem... — gaguejou. — Eu vou entrar. Com licença — ele contornou o casal que se abraçava e se aproximou da porta.

Marmee abriu a porta e deu um gritinho ao ver Angus, correndo para o pé da escada para abraçar Penny e o escocês. Alice suspirou. Ela esperava se casar com alguém que deixasse Marmee tão animada.

— Entrem — disse Marmee aos convidados. — O que o traz aqui, reverendo?

— Eu precisava falar com a senhora e o Sr. Chapman.

— Claro — Ela segurou a porta aberta para conduzir todos para dentro. Alice ouviu as vozes abafadas quando a porta foi fechada. Abrindo seu diário na página que chamava de Planos futuros, Alice traçou uma linha abaixo da última palavra.

Ela rabiscou um novo título. Futuro marido. E começou a listar tudo o que desejava no homem com quem se casaria. Ao olhar a lista, percebeu que havia acabado de descrever tudo sobre Chat Hartman.

Dando um suspiro, ela olhou para os campos novamente. Havia pouco movimento perto do estábulo dos cavalos. A maioria dos cavalos foi

transferida para outro pasto até que Owen pudesse começar a domá-los. O Preto ficou sozinho, sua pelagem profunda parecendo mais escura conforme a neve começava a cair. Houve um movimento na porta do celeiro e Alice viu Rich, um dos trabalhadores da fazenda, saindo deste e fechando a porta atrás de si. Ele espiou Alice e deu um pequeno aceno. Ela levantou a mão em saudação.

Este poderia ser o momento dela.

Observando para ver para onde Rich ia, ela esperou até que ele desaparecesse atrás do grande celeiro em que ficavam os cavalos dos vaqueiros e os animais prenhes. Alice contou até vinte e então fez seu movimento. Saltou pela neve em direção ao paddock. Olhando em volta para não ser pega, ela se dirigiu ao portão.

Havia uma trava de metal pendurada em um poste e a parte inferior da cerca estava amarrada com uma corda. Uma prancha longa normalmente caberia nos engates de cada lado do portão, mas não estava lá. Espiando-o no chão, fez uma oração de agradecimento para não ter que lutar contra ela.

Caminhando até o paddock, rapidamente desamarrou a corda. Colocando-a sobre o corrimão, ela estendeu a mão para remover a trava de metal. O cavalo estava parado do outro lado do pasto, observando-a com olhos gentis.

— Está tudo bem, garoto — disse ela, afastando-se do portão. — Tudo o que precisa fazer é chutar o portão e estará livre — o cavalo não se moveu. — Esta é a sua chance. Ninguém jamais saberá — sussurrou em tom áspero. Quando o cavalo permaneceu no lugar, Alice balançou a cabeça e se virou para voltar para a casa.

Um suave relincho atingiu seus ouvidos e ela sorriu. O cavalo saberia o que fazer. Ela esfregou as mãos. Havia deixado as luvas com o diário no banco. Uma vez que entrasse, suas mãos se aqueceriam rapidamente. Ao pegar o diário e as luvas, ela avistou uma carroça à distância. Parecia estar se aproximando da casa. Alice semicerrou os olhos para ver se conseguia determinar quem era. O som da porta se abrindo desviou sua atenção.

Marmee estava parada na porta. Ela não parecia satisfeita.

— Alice Louise, entre agora!

Alice suspirou. *O que ela fez para agitar seus irmãos agora?*

A carroça estava se aproximando. Ela deu uma última olhada antes de seguir Marmee para dentro de casa.

CAPÍTULO 9



Alice sentou-se no sofá da grande sala, perplexa com as palavras do pregador.

Suas bochechas queimaram com o que ele estava dizendo. Ele não apenas estava falando, mas fazia isso na frente de toda a família dela.

— Eu lutei com isso, mas simplesmente não vejo Alice sendo capaz de se integrar de volta a Flat River.

— Por que isso? — Alice exigiu, pulando de seu assento. — Morei aqui a minha vida inteira. Minha família está aqui. Meus amigos estão aqui.

— Sua reputação está em frangalhos, minha filha. Todo mundo sabe que está arruinada, sem perspectivas.

— Este não é o século XVIII. Não pode me expulsar.

— Silêncio, Alice. Não é isso o que ele está dizendo — disse Weston. Alice olhou para o pai. Seu rosto parecia abatido. Seus olhos que normalmente brilhariam com algum humor ou piada, estavam sem vida.

— Então o que ele está dizendo?

— Só que seria sensato ir para o leste um pouco.

— Partir? — Alice caiu de costas no sofá. — Quer que eu vá embora? — Ela olhou para Marmee que estava enxugando os olhos com um lenço. — Marmee?

— O reverendo a viu em uma posição comprometedora ontem.

— Não quero o nome de sua família manchado por uma filha que é, bem... — o reverendo deixou as palavras morrerem.

— Suja? — a voz de Alice engasgou com um soluço. — Deixe-me falar sobre ser manchada. Fui levada para o oeste por um homem que *o senhor* conhecia. Um homem que *o senhor* nos apresentou — ela estava esfaqueando o ar com o dedo enquanto cuspiam as palavras que vinham construindo há mais de um ano. — Um homem que prometeu casamento, mas assim que subimos no cavalo, passando pelo Grand Platte, descobri o que estava acontecendo. Quis voltar para casa, mas o seu Silas Benson não tinha intenção de me deixar ir. Eu era uma das dez mulheres que estavam sendo levadas naquele mês. O senhor sabe o que eles fazem com as mulheres que pegam? Aquelas que convencem a deixar suas famílias?

O reverendo parecia chocado. Alice olhou ao redor da sala. Seus irmãos se mexiam em seus assentos e as mulheres olhavam para ela com uma mistura de

pena e apoio.

Alice gritou com o reverendo. — O senhor sabe?!

— N-n-não.

— Eles as quebram. Da mesma forma que Owen doma aqueles cavalos. As colocam em um espaço pequeno e apertado sem luz. Retêm comida, roupas, as necessidades. Se elas não cedem, eles passam para as surras e depois para o ópio. Então, elas recebem um valor. Um preço. Quanto mais valiosas são, mais dinheiro eles ganham quando as colocam em um barco para exterior. Eu não seria quebrada. Eu me recusei a desistir.... Até que todas as manhãs eu era drogada para aprender a obedecer. Estava a um dia de ser colocada em um barco, para nunca mais ver minha casa. Agradeço a Deus, todos os dias, por Penny e Angus terem me encontrado. Agradeço a Deus, todos os dias, por Penny, não ter aceitado sua proposta, porque sei que era ela que eles procuravam. Agradeço a Deus, todos os dias, por estar viva.

— Então, sim, estou suja. Durmo com a lâmpada acesa. Escrevo divagações malucas em meu diário. Mas não vou à cidade. Não vou a lugar algum. Então, o senhor pode simplesmente dizer àquelas pessoas em Flat River que não dou a mínima para o que elas pensam. E o que quer que o senhor pense que viu na floresta, estava errado, e se alguém pensa o contrário, é porque *o senhor* colocou essa ideia na cabeça deles — Alice se levantou. — Desculpem-me — disse ela.

Ao se virar, viu Chat na entrada do grande salão. Seus olhos brilharam quando ele olhou para ela. Sua mandíbula era firme e um tique apareceu em uma bochecha. Ele segurava o chapéu na mão e o girava. Alice podia ver que os dedos dele estavam brancos de tanto segurá-lo.

Ela soltou um soluço e sentiu suas lágrimas começarem a fluir.

O que ele devia pensar dela?

Havia acabado de contar toda a sua história sórdida para sua família, e Chat ouviu cada detalhe desagradável.

Ela podia ouvir Marmee chorando na mesa e as fungadas de Penny e suas cunhadas. Não suportava ver a decepção no rosto de seu pai ou de seus irmãos, então se endireitou, desafiando Chat a dizer qualquer coisa.

— Eu bati, mas ninguém atendeu. A porta estava ligeiramente aberta, então entrei. Perdoem-me.

— Acho que não é uma boa hora, meu jovem — disse o reverendo, levantando-se. — Eu os vi na floresta. Eu o vi abraçá-la. Comportamento vergonhoso dos dois.

— É um momento perfeitamente bom para eu estar aqui — ele olhou para Alice e deu a ela um meio sorriso. — Vim buscar minha esposa.

Suspiros percorreram a sala. Owen pulou de seu assento. Ellie tentou agarrar seu braço, mas ele se soltou.

— Tem coragem de dizer isso, Hartman.

Chat ignorou o homem parado na sua frente. Ele olhou por cima do ombro de Owen.

— PJ? Tem cinco minutos para fazer as malas para que possamos ir para casa.

Alice piscou algumas vezes e então seu cérebro percebeu o que estava acontecendo. *Ele a estava resgatando.* Mesmo que fosse de sua própria família. Ela ouviu seu irmão rosnar e então a porta da frente bater contra suas dobradiças. Correu para seu quarto e pegou sua bolsa debaixo da cama. Nem sabia o que levar. Ela não conseguia pensar.

Engolindo em seco, respirou o máximo que podia, mas se sentiu fraca.

— Bonequinha? — Penny enfiou a cabeça pela porta. Quando avistou Alice, ela entrou no quarto, seguida por Willow. Penny caminhou até onde Alice estava e a abraçou. — A peguei, bonequinha — ela esfregou as costas de Alice de forma tranquilizadora.

— Oh, Penny! — Alice gritou. — Não sei o que fazer.

Penny se afastou.

— Bem, a primeira coisa que vai fazer é parar de chorar. Então vamos fazer a sua mala. Basta levar o que precisa imediatamente. Qualquer outra coisa podemos levar nos próximos dias.

Willow pegou a sacola e a colocou sobre a cama, abrindo-a.

— O que quer levar?

Alice enxugou as lágrimas nas costas da manga. Ela acenou com a cabeça para Penny.

— Eu posso fazer isso.

— Tem um homem lá fora que vai protegê-la, não importa o que aconteça.

— Como pode ter certeza?

— Poucas pessoas enfrentam Owen — Penny foi até o guarda-roupa e tirou as calças de montaria de Alice e várias camisas, entregando-as a Willow, que as dobrou e as colocou na bolsa. — Owen me assusta, e ele é meu irmão. Owen não assusta Chat de jeito nenhum.

— Ele é um bom homem — Alice disse suavemente.

— Sim ele é. E parece que a ama.

— Ele não disse isso.

Penny deu de ombros.

— Às vezes os homens são engraçados. Angus nem sempre diz isso, mas então ele sussurra algo com aquela voz escocesa dele, e eu sei em minha alma que ele me ama. Chat pode não dizer isso com palavras, mas ele diz com ações.

Não demorou muito para Willow, colocar os últimos itens na bolsa de Alice.

— Não se esqueça do seu diário — ela lembrou a Alice.

— Eu não quero ninguém mexendo nos antigos, Penny. Promete-me?

— Eu prometo. Vou garantir que ninguém entre em seu quarto até que volte para arrumar tudo.

Alice enfiou a mão no armário e tirou seu cassaco. Ela rapidamente o vestiu e dando um abraço em Penny e Willow, pegou seu diário e sua bolsa.

Caminhou pelo corredor até onde sua família estava esperando. Chat estava longe de ser encontrado. Como se percebesse sua pergunta não formulada, Weston apontou para a porta.

— Ele está na varanda — disse o pai, avançando para abraçá-la. — Não tem que ir — sussurrou contra seu cabelo. — Nós nunca a mandaríamos embora.

— Eu sei, papai — disse Alice, abraçando-o um pouco mais apertado. Ela beijou Weston na bochecha. — Eu te amo.

— Eu também te amo, filha.

Marmee empurrou o marido para o lado e agarrou Alice em um abraço.

— Por que não disse nada?

— Eu não sabia o que dizer — era a verdade.

— Posso ir visitá-la?

— Claro.

— Alice... — Alice se virou e olhou para seu irmão mais velho. Owen parecia quebrado. — Sinto muito, Pint Jar.

— Eu sei — sussurrou, saindo pela porta.

Chat pegou a bolsa e o diário e os colocou na parte de trás da carroça. Então se aproximou para pegar a mão dela, ajudando-a a subir na carroça.

— Está pronta? — perguntou suavemente.

Alice tinha tantas perguntas, mas ela simplesmente assentiu.

Enquanto sua família se movia da varanda para o chão ao lado da carroça, uma comoção chamou sua atenção. O garanhão deu um relincho alto e empinou no meio do pasto. Eles observaram enquanto o cavalo corria pelo pasto ganhando velocidade e então empurrava o portão com toda a força.

O som de madeira se partindo encheu o ar quando o cavalo se libertou de sua prisão.

Owen olhou para Alice, estreitando os olhos, enquanto Oliver e Everett corriam para o paddock. Alice não disse uma palavra, ela simplesmente se virou no banco e colocou a mão no braço de Chat.

— Vamos para casa.

Chat estalou as rédeas e Remington avançou. Ao se aproximarem da curva que contornava o pasto, Alice avistou o grande garanhão preto próximo ao riacho. O cavalo balançou a cabeça e saiu a galope, pulando a cerca do pasto para onde seu harém estava guardado. Os sons de relinchos podiam ser ouvidos quando os cavalos começaram a descer a colina.

Alice observou o Preto facilmente pular a cerca, seguido pelo resto do rebanho. Podia ouvir o trovão à distância enquanto Chat e ela se dirigiam para a cabana na floresta.

Chat parou na frente da pequena cabana e alinhou a carroça com a porta. Alice não tinha falado muito no caminho para casa. Ele se perguntou o que ela estava pensando. Ela não esperou que a ajudasse a descer, em vez disso, pulou do assento da carroça como se tivesse medo de que ele pudesse tocá-la.

Ele beliscou a ponta de seu nariz, então riu. Alice virou-se e olhou para ele

bruscamente.

— Está rindo?

Chat balançou a cabeça.

— Eu estava pensando que Owen belisca a ponta do nariz quando está tentando entender as coisas. Acho que somos mais parecidos do que eu imaginava.

Alice bufou.

— Não acho que seja nada parecido com Owen — Ela enfiou a mão na carroça e pegou sua bolsa. — O que é tudo isso? — perguntou, olhando para as caixas na parte de trás da carroça.

— Suprimentos.

— São muitos suprimentos.

Chat cruzou os braços na beirada da carroça e olhou para ela do outro lado da carroça.

— Somos dois.

— O que o fez conseguir suprimentos suficientes para dois? Eu não sabia que viria em casa esta noite.

— Nem eu. Eu estava na cidade e Orrin me encontrou. Mencionando sobre o reverendo O'Brien e as fofocas na cidade.

Alice baixou os olhos.

— Sinto muito que tenha se metido nisso.

— Eu não — ele deu um tapa na lateral da carroça uma vez. — Acho que vai ser uma coisa boa.

— Nós nem somos casados.

Chat tirou o anel do bolso do colete e o ergueu para Alice ver.

— Não, mas seremos.

— Disse ao reverendo que já éramos casados. Se ele nos casar, saberá que é mentira.

— Não precisamos de um reverendo. Tudo o que precisamos, é de nós e Deus — ele enfiou o anel de volta no bolso. — Vamos descarregar a carroça e fazer algo para o jantar.

Alice abriu a porta da cabana. Era o mesmo de sempre. Carregando sua bolsa para dentro de casa, ela se virou para Chat.

— Onde devo colocar isso?

— Basta colocá-la no quarto. Podemos arrumar tudo mais tarde.

Ele viu Alice desaparecer atrás da porta do quarto e reaparecer um momento depois.

— O que posso fazer para ajudar?

— Se puder abrir a despensa, eu rolarei os barris para dentro — Alice segurou a porta enquanto ele rolava quatro barris grandes para dentro da pequena despensa. O último barril era de farinha, que conseguiu criar uma nuvem de poeira branca conforme Chat o movia pela cabana. Quando saiu da despensa, suas mãos estavam cobertas de farinha.

Alice riu quando ele mostrou a ela suas mãos brancas.

— Só não me toque — disse ela saindo de seu alcance.

— Isso parece um desafio. E eu nunca... — ele colocou as mãos para cima em uma postura de garra. — ... nunca... — disse ele dando um passo à frente.

— Recuso um desafio. Rawr! — ele rosnou e avançou.

Alice soltou um grito e correu ao redor da mesa. Chat se aproximou dela da outra direção. Quando ela o viu, mudou de posição e foi para o outro lado. Chat soltou grunhidos enquanto a seguia até a sala de estar, onde ela se encurralou em um canto.

Chat se aproximou e balançou os dedos cobertos de farinha no rosto dela. Alice estendeu as mãos tentando afastá-lo, rindo o tempo todo. Ele facilmente lhe afastou os braços e segurou seu rosto com as mãos. A farinha foi transferida para as bochechas dela, então ele limpou os dedos na testa dela antes de bater em seu nariz.

— Agora, o que tem a dizer, Alice Chapman?

Alice sorriu enquanto olhava para ele.

— Que é um incorrigível.

Ele se moveu para trás e deu a ela uma reverência zombeteira.

— Posso ser incorrigível, mas não deixei um cavalo muito valioso livre hoje.

Alice desviou seus olhos azuis ao redor. Ela não estava mais sorrindo.

— Por que diria uma coisa dessas?

— Eu a conheço. Sei que não gostaria que aquele animal fosse preso — ele agarrou o braço dela e a puxou para mais perto. Empurrando seu cabelo para trás, a farinha de sua palma cobriu seus fios loiros. Ele tentou limpá-lo, sem sucesso. — Eu sei que tem o coração mais gentil e doce de todas as mulheres que conheço. E é isso que eu amo em ti.

— Me ama? — ela guinchou.

— Amo. Eu te amo desde que éramos crianças.

— Eu também te amo, Chat.

Ele se inclinou para capturar seus lábios em um beijo, não se importando em espalhar farinha em seu casaco. Ele a beijou por um momento antes de levantar a cabeça. Colocando um beijo em sua testa, ele a moveu em direção à porta.

— Enquanto prepara algo para o jantar eu termino de trazer tudo para dentro. Então eu só preciso alimentar e dar água a Remington.

Quando ele voltou após guardar Remington no celeiro lateral, Alice estava puxando a tampa do forno holandês e verificando os biscoitos. Ela sorriu ao vê-lo entrar.

— Quase pronto.

— O que teremos?

— Como já é tarde e ainda não sei onde está tudo, pensei em simplificar. Então, ovos, gordura e biscoitos.

— Parece delicioso — ele se inclinou para beijar Alice na cabeça. — Gostaria de leite com o jantar?

Alice olhou por cima do ombro.

— Tem uma vaca aqui?

Chat riu.

— Não. Vou buscar leite na mãe. Ovos também. Eventualmente, eu gostaria de ter uma vaca. Galinhas e talvez até um porco de corte.

— Isso soa muito bem — disse Alice.

Chat pegou uma jarra de vidro na varanda.

— Há uma caixa perto da pilha de lenha. Eu guardo o leite e outros itens lá.

Ele serviu duas xícaras de leite e colocou a jarra sobre a mesa. Alice colocou dois pratos de ovos mexidos fofos e gordura na mesa, junto com os biscoitos que acabara de fazer. Quando ela se sentou, Chat segurou sua mão para abençoar a refeição.

Ele cavou seus ovos com prazer.

— Faz tempo que não como uma refeição caseira.

— Não sou tão boa cozinheira quanto Marmee ou Polly, mas posso me virar sozinha.

— Vou te ensinar a fazer ensopado de coelho. Preciso verificar minhas armadilhas amanhã. Não consegui fazer isso hoje.

— Acho que come muitos coelhos.

— Por enquanto, eles são um alvo fácil de pegar. Coelhos e galinhas da pradaria. Como pensei que era só eu, não havia necessidade de caçar veados ou qualquer outra coisa.

— Agora somos dois.

— Sim, somos — disse ele sorrindo.

Alice deu uma mordida em um biscoito.

— Disse que o pregador não ia nos casar. Vamos ao Grand Platte?

Chat balançou a cabeça.

— Quando Ma se casou com Randall, o pregador já havia saído do comboio. O carroceiro simplesmente fez com que se comprometessem um com o outro e eles se casaram.

— Isso não soa nada romântico.

— Acho que não, mas quando duas pessoas querem se casar, acho que funciona.

Alice colocou seu prato de lado.

— Vamos fazer agora.

Chat fez uma pausa, o garfo cheio de ovos a meio caminho da boca. Ele colocou o garfo de volta no prato e o empurrou para o lado.

— Tudo bem — ele enfiou a mão no bolso e tirou o anel. — Me dê sua mão — ele viu a mão de Alice tremer levemente enquanto ela abria os dedos.

— Eu a tomo, Alice, como minha esposa. Aos olhos de Deus, que eu oro, abençoe esta união. Prometo amá-la, cuidá-la e respeitá-la todos os dias da minha vida — ele deslizou o anel de ouro em seu dedo. Não tinha certeza de qual tamanho comprar, então adivinhou. O anel coube perfeitamente em seu dedo.

— Somos casados? — Alice perguntou olhando para o anel em seu dedo.

— A menos que haja algo que queira dizer. Vou rezar e então estaremos casados.

Alice pegou a mão de Chat e olhou em seus olhos.

— Eu o tomo, Chatten, como meu marido. Prometo amá-lo, cuidá-lo e respeitá-lo todos os dias da minha vida.

Chat colocou a mão sobre a dela e sua voz rica encheu a cabana com uma oração de agradecimento a Deus pelo casamento e pela família. Quando terminou, ele se inclinou beijou Alice, e sorriu.

— Agora, estamos casados.

CAPÍTULO 10



Chat acordou com o som de gritos. Ele se sacudiu para acordar e tentou se inclinar enquanto Alice agitava os braços, acertando-o.

— Alice — disse ele, empurrando-se para cima da cama. — Acorde, querida.

Alice gritou mais alto. Chat tateou no escuro em busca da caixa de fósforos e rapidamente acendeu uma lamparina. Ele levantou o pavio, permitindo que um brilho quente enchesse a sala. Alice olhou para ele com pânico em seus olhos. Assim que ela viu a lamparina, sua respiração começou a se acalmar.

Chat colocou o abajur na mesinha ao lado da cama e rolou, pegando Alice nos braços.

— Está tudo bem. Foi apenas um Sonho.

Alice respirou fundo várias vezes.

— Eu sei — sua voz estava rouca por causa dos gritos. — Simplesmente não conseguia ver a luz.

— Eu apaguei. Pensei que estivesse dormindo.

— Sempre durmo com a lamparina acesa — ela enxugou as lágrimas de suas bochechas.

— Tudo bem — Chat disse suavemente.

— Sinto muito, Chat. Eu não acho que isso vai funcionar. Precisa de alguém que não seja tão... danificada.

Chat agarrou o queixo dela e o ergueu ligeiramente.

— Não está danificada, então pare de dizer isso — ele lhe deu um beijo leve. — É linda — outro beijo. — Inteligente — outro. — Engraçada. Não está quebrada.

— Sou uma mulher adulta e tenho medo do escuro. Que tipo de mulher isso me torna?

Chat a puxou para mais perto, colocando a cabeça dela em seu ombro.

— Uma que passou por uma prova terrível. Mas está se recuperando. Posso dormir com a luz acesa se isso significar que se sente segura.

— Faria isso?

Chat assentiu.

— Claro que sim. Agora feche os olhos e volte a dormir.

Ele sentiu Alice se aconchegar sob as cobertas. Ela colocou o braço em volta da cintura dele e logo sua respiração se estabilizou, dizendo-lhe que ela

finalmente estava dormindo novamente. Ele deu um beijo em sua cabeça e fechou os olhos, jurando fazer o que fosse necessário para ela se sentir protegida.

Na manhã seguinte, ele foi até o mercantil e comprou todas as lamparinas que Dillon tinha à venda, junto com vários galões de óleo para elas. Quando ele voltou para a cabana, havia vários cavalos amarrados aos arbustos ao redor da propriedade. Ele reconheceu o buggy do pregador imediatamente.

Hesitante, ele abriu a porta. Sua cabana estava cheia de Chapmans. E mães. Ma e Marmee estavam sentadas à mesa tomando café. Sr. Weston estava sentado na cadeira de balanço. Oliver e Willow estavam perto da porta da despensa.

— Onde está Alice? — ele perguntou.

— Bem aqui — disse ela, aparecendo da pequena sala de estar.

— O que é tudo isso?

— Chatten — Marmee começou. —, Alice nos contou tudo sobre a adorável cerimônia que tiveram, só os dois.

— Não tem nada de errado com isso — insistiu Ma. — Foi assim que me casei com Randall.

— E...? — ele cutucou.

— Bem, Weston e eu nos sentiríamos mais seguros se o reverendo pudesse casá-los... de novo... bem aqui na frente da família.

— Já somos casados. Não precisamos fazer isso de novo — ele olhou para Alice. Ela murmurou, *Por favor*. Ele não lhe negaria nada. Suspirando, ele passou a mão pelo rosto. — Tudo bem. Faremos isso agora? — ele olhou ao redor da sala. O pregador estava sentado na outra cadeira conversando com Weston.

— Reverendo — Alice chamou. —, estamos prontos.

A cerimônia acabou em um minuto. Chat repetiu as palavras ditas pelo reverendo e beijou Alice no momento apropriado. Ele preferia muito mais a simples promessa de um ao outro, mas agora o casamento seria registrado nos anais da igreja. Isso deixou Alice feliz e isso era tudo o que importava.

Chat olhou ao redor da sala mais uma vez.

— Podemos pegar nossa cabana de volta?

Marmee riu.

— Nós vamos indo. Trouxemos várias coisas para começarem bem em sua casa nova. Venha, Weston — disse ela, recolhendo o xale. — Alice pode te mostrar tudo.

Oliver beijou Alice na bochecha.

— Estou feliz que tenha um bom homem, Pint Jar — disse ele.

Willow puxou Alice para um abraço.

— Eu sei que ficará feliz e terá um pouco de paz agora.

— Obrigada — Alice sussurrou.

— Bem-vindo à família, irmão — Oliver disse, estendendo a mão para Chat.

Chat aceitou a oferta de paz.

— Onde está seu irmão gêmeo?

Oliver riu.

— Ele ainda está bravo com o cavalo — ele deu uma piscadela para Alice.

— Ellie vai acalmá-lo.

— Já descobriu mais alguma coisa sobre a cerca derrubada?

Oliver balançou a cabeça.

— Nada sobre aquele estranho também. Vamos manter os olhos abertos.

Assim que a última pessoa deixou a pequena cabana, Chat fechou a porta e recostou-se nela.

— Bem, foi uma boa surpresa — disse ele.

— Não está bravo, está?

— De jeito nenhum. Venha aqui — ele abriu os braços e Alice entrou neles.

— Eu te amo, PJ.

Alice deu uma risadinha.

— Eu também te amo.

— Tenho alguns coelhos na carroça, além disso, corri para a cidade.

— O que conseguiu?

Chat agarrou seu casaco, colocando-o sobre seus ombros.

— Venha para fora.

Alice o seguiu até a carroça e seus olhos se arregalaram.

— Tudo isso é para mim? — Na traseira da carroça havia uma escrivaninha que Alice poderia usar para escrever em seu diário e uma dúzia de lamparinas a óleo.

— Poderá acender quantas precisar. Achei que poderíamos colocar a escrivaninha do seu lado da cama e assim sempre poderá ver a luz.

Alice correu ao redor da carroça e abraçou Chat.

— Achei que ninguém iria entender.

— Posso não entender todas as coisas, mas sempre lhe farei o que é melhor. Para nós.

— Estou muito agradecida, Chatten.

Chat se inclinou e capturou os lábios dela com os dele. Quando ele terminou de beijá-la, olhou para o céu e fez uma oração, agradecendo a Deus por todas as suas bênçãos.

EPÍLOGO



FINAL DA PRIMAVERA DE 1873

Alice tinha acabado de plantar sementes de cenoura quando ouviu uma voz jovem chamá-la.

Eles estavam cuidando de Hart por alguns dias enquanto Lydia estava na cama descansando. Sua condição delicada estava causando estragos em seu corpo e o médico a confinou em repouso durante a gravidez. Era extremamente difícil conseguir qualquer tipo de descanso com uma enérgica criança de oito anos pulando por aí.

Alice e Chat não hesitaram em trazer Hart de volta para sua cabana de três cômodos. Eles planejavam expandi-la assim que tivessem seus próprios filhos. Alice mal podia esperar para dizer ao marido que ele precisaria ficar ocupado durante o verão, já que o quarto vago que ele estava planejando precisaria ser um berçário no Natal.

Ela passou a mão pela barriga ainda plana e sorriu ao pensar na vida crescendo dentro dela. Sabia que Chat ficaria tão feliz quanto ela.

— Tia Alice! Tia Alice! Olha o que nós pegamos! — Hart segurava seis peixes grandes em uma corda. — Tio Chat me mostrou como procurar as minhocas gordas porque os peixes gostam mais delas.

Alice riu e enxugou as mãos no avental.

— Aposto que eles estavam com fome, pela quantidade que pescou!

— Vamos jantar todos eles hoje à noite, quando vovó e vovô chegarem? — Hart lambeu os lábios em antecipação.

— Terá que limpá-los. Tio Chat vai te mostrar como.

— Ele me disse que eu tenho que enxaguá-los primeiro — Hart correu até a bomba ao lado da varanda e colocou o peixe no balde. Alice fez uma careta. Ela mandaria Chat lavá-lo quando Hart terminasse. Não adianta carregar água para dentro de casa com um balde com sabor de peixe.

Ela colocou seus pacotes de sementes e pequenas ferramentas na cesta que Marmee lhe dera. Na primavera servia como cesta de plantio. No outono ela colhia os legumes e usava a cesta para levá-los de volta para casa.

Apoiando-se sobre os calcanhares, ela se levantou, levando a cesta com ela. A Sra. Wiggles veio correndo da direção do rio com Chat em seus calcanhares. A cachorrinha havia crescido e agora era toda pernas. Ela não

conseguia correr sem tropeçar em si mesma.

Alice esperou na área do jardim que Chat se aproximasse dela. Seu rosto se abriu em um sorriso quando ele chegou perto. Ele passou as varas de pescar e o balde de isca para uma mão e envolveu a outra na cintura de Alice, puxando-a para ele.

— Fez sua jardinagem? — perguntou, colocando um beijo suave na testa dela.

Alice apontou para a terra cultivada. — Não será tão grandioso quanto o jardim de Marmee, mas é apenas nosso primeiro ano.

— Posso construir mais canteiros no final do verão.

Alice deu um pequeno balanço na cesta. — Precisarás trabalhar no quarto extra, ou terei que usar a despensa — Chat olhou para ela, as sobranceiras franzidas.

— Achei que Hart estava bem dormindo em frente à lareira. Era como uma aventura de acampamento para ele.

Alice riu. — Não bobo. Hart pode ficar onde quiser, mas vamos precisar de um quarto para nossa família em expansão.

— Querida, nossa família é grande o suficiente — de repente, a compreensão surgiu quando Chat ergueu as sobranceiras. — Está... nós estamos...? — Alice assentiu. Ele parou por um momento antes de largar as varas de pescar e dar um grito alto! Agarrando Alice a girou em um círculo, fazendo com que ela deixasse cair a cesta. Envelopes de sementes e ferramentas de jardinagem caíram no chão. Quando ele a pôs no chão, capturou seus lábios em um beijo inebriante. — Eu te amo, Alice Hartman — disse, levantando a cabeça.

Alice ficou na ponta dos pés e pressionou um beijo forte e rápido contra os lábios dele.

— Eu também te amo, Chat. Com tudo que tenho dentro de mim.

— Quer contar para Ma e Tot hoje à noite?

Alice balançou a cabeça.

— Gostaria que apenas nós soubéssemos por enquanto.

— Então será nosso segredo — ele pegou suas varas de pescar e o balde de iscas. — É melhor eu ajudar Hart com o peixe, depois preciso ordenhar a vaca.

Chat havia expandido o pequeno celeiro e agora havia mais baias. Remington e Splinter estavam de um lado e a vaca que Chat trouxe para casa estava do outro.

— Vou pegar minhas sementes e já vou — gritou para ele.

Ela se abaixou para pegar os pequenos envelopes e colocá-los de volta na cesta. Este era o futuro dela. Logo teria sua própria família e seu jardim se tornaria o local de encontro de seus filhos. Enquanto ela se levantava, notou algo escuro com o canto do olho. Dando um pulinho, seu coração se acalmou quando um grande cavalo preto saiu de trás dos arbustos altos.

O Preto a olhou com olhos castanhos profundos. Alice levou os dedos aos

lábios e jogou um beijo na direção do cavalo. Este levantou a cabeça, quase como se estivesse acenando, e voltou para trás dos arbustos. Enquanto Alice permanecia ali por mais um minuto, o som de cascos trovejantes podia ser ouvido sobre a correnteza da água.

O Preto estava livre.

Ambos estavam.

Fim

CONHEÇA OS HARTMANS

Uma matriarca pioneira tentando manter sua família unida depois que uma tragédia os atinge.

Verna - A mulher de exterior duro, mas de coração mole. Quando seu primeiro amor a encontrar novamente, ela abrirá seu coração ou permitirá que os medos do passado a arrisquem perdê-lo mais uma vez?

Baxter – Quando ele pega um ladrão em flagrante, imagine sua surpresa ao descobrir que por baixo de todas aquelas camadas de roupa está uma linda mulher presa em circunstâncias fora de seu controle. Como ele pode ajudar a protegê-la quando ela o desafia a cada passo?

Rex – Quando vai vender gado para salvar a fazenda da família, ele conhece uma mulher que tem mais inteligência do que beleza. Fazendeira talentosa, a mulher aperta todos os botões que Rex tem. Ele pode lhe oferecer a única coisa que ela nunca teve? O amor de um homem bom?

Whitney – O ovelha negra da família foi atormentado por demônios durante toda a sua vida. Quando a sobrinha do pregador chega à cidade, será essa a salvação que ele procurava?

Annamae – Quase tendo morrido de febre, a mais jovem Hartman encontrou alegria novamente nas coisas simples. Não importa o quanto o belo vaqueiro da porta ao lado lhe traga alegria, ele definitivamente não é simples! Ela pode convencê-lo a desacelerar e apreciar a beleza ao seu redor? Mesmo que esteja bem na frente de seus olhos?

Vangie – Depois de fugir por quase doze anos, a filha rebelde finalmente volta para casa para se curar. O novo delegado da cidade sabe exatamente quem é a mulher escondida. Ele pode protegê-la de uma gangue implacável de bandidos determinados a levá-la de volta a uma vida de crime? Ele perderá mais do que seu coração no processo?

MAIS DOS CHAPMANS POR VIR



O muito aguardado prequel da popular série Os Chapmans. Descubra como tudo começou na década de 1840 na América.

Uma mulher mais forte do que ela percebe, o homem que subestima seu amor e a aventura de uma vida que espera por eles na trilha.

OS CHAPMANS

LIVRO 1



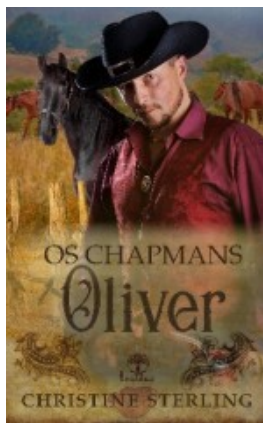
Owen Chapman tem sonhos tão grandes quanto o céu do Nebraska. O que acontece quando um corpo aparece no rancho Chapman e a noiva do morto vem pedindo respostas?

Os planos de Owen Chapman de começar um rancho de cavalos estão finalmente se tornando realidade. Com seus irmãos como parceiros de negócios, ele sabe que não há como falhar. O que ele não esperava era que uma beldade do Sul chegasse e ressuscitasse uma rixa de dez anos que ele achava que estava finalmente no passado.

Elenore 'Ellie' Brooks anseia por casamento, filhos, aventura e uma vida no Oeste. Quando seus planos mudam, ela responde a um anúncio de noiva por correspondência. Mas quando chega em Flat River, Nebraska, nada é como imaginava e ela se vê empurrada para uma família local até que possa voltar para casa. O que ela não contava era com o irmão mais velho e o modo como ele a fazia questionar suas escolhas na vida.

Ellie poderia convencer Owen a não mandá-la de volta para casa no próximo estágio, deixando a cidade? Owen será capaz de deixá-la ir quando o irmão do morto chamar, reclamando a mão de Ellie em casamento?

LIVRO 2



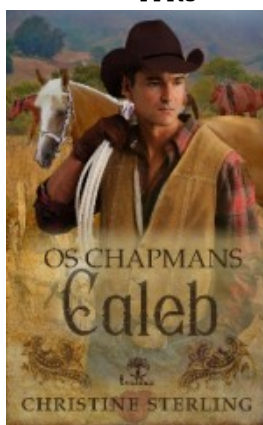
Oliver Chapman está vivendo sua melhor fase; tem tudo o que precisa, sem intenção de se casar. Isto é, até que uma mulher misteriosa aparece em seu rancho. Um casamento de conveniência poderá levar Oliver a perder seu coração?

Uma mulher maltratada é a última coisa que Oliver Chapman esperava ver ao explorar o campo. E sabia que não tinha escolha a não ser levá-la para casa e permitir que se curasse. Mas chegar perto de Willow está se mostrando mais difícil do que dos cavalos que correm soltos na pradaria.

Willow Stephens não confia nos homens. Ela foi usada pelo irmão para pagar uma dívida de jogo, e o homem que possui essa dívida é um dos mais perversos que já conheceu. Quando ela mata um homem em Flat River, Nebraska, sabe que precisa fugir. Mas não contava em ser resgatada por um cowboy alto e bonito, nem que sua família a protegeria com tudo o que tem.

Quando a lei vier à procura de Willow, será que Oliver fará o sacrifício final para protegê-la? Será que ele perderá seu coração e sua liberdade no processo? E Willow, aprenderá a confiar em Oliver o suficiente para lhe dar seu coração? O amor poderá conquistar todas as coisas e deixar a verdade libertá-las?

LIVRO 3



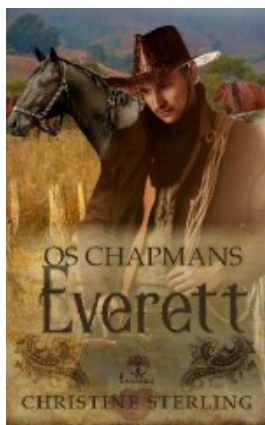
Um homem ansiando por perdão. Uma mulher cumprindo uma promessa; o perigo que os une.

Caleb Chapman nunca se recuperou da morte de seu irmão. Ele se culpa e promete seus dias restantes para proteger sua família. A chance para a aventura chama quando ele lidera uma condução de gado do Texas a Nebraska. O que ele não espera é encontrar uma mulher bonita sem memória de quem ela é ou como chegou lá.

Lydia Whitcomb não se lembra de porque está fugindo ou protegendo um menino de sete anos. Ela só sabe que algo terrível aconteceu e ela está agora em uma viagem de gado para Nebraska. O que ela não espera é um cowboy bonito para vigiá-la até que sua memória possa retornar.

Qual é o segredo que Lydia está escondendo? Lydia será capaz de esconder seus sentimentos por Caleb tão facilmente quanto esconde suas memórias? Uma vez que seu segredo venha à tona, separará o casal ou finalmente será o acerto de contas que eles precisam?

LIVRO 4



Ela quer a aventura de uma vida; ele precisa curar velhas feridas familiares. Se eles vão ajudar um ao outro, eles não podem se apaixonar ao longo do caminho.

Polly Phillips vai para o oeste para ajudar sua melhor amiga a se casar. Ela sonha em deixar os limites da cidade para trás e abraçar cowboys, cavalos e o céu mais azul do que qualquer coisa que ela já viu. Ora, ela pode até tentar arranjar um marido para si mesma! Que sorte que ela encontra um grupo de cowboys quando sua carruagem quebra na beira de Flat River. O que ela não contava era sua primeira apresentação a Everett Chapman sendo envolta em seus braços enquanto ele a carregava para a cidade.

Everett não tem tempo para uma garota da cidade, especialmente uma que invada sua propriedade e dê ordens como um general. Não importa quão bonita ela seja, ou como ele gostaria de mantê-la quieta beijando seus lábios. Como o filho mais novo, ele é a última esperança na cura de um conflito

familiar que remonta há quase trinta anos. Quando ele está sendo pressionado a se casar com a filha do vizinho, Annamae Hartman, como ele pode se concentrar no namoro, quando todos os pensamentos são consumidos pela bela loira do sul?

Quando Annamae pede ajuda a Polly para conseguir um marido, Polly está entregando a outra mulher nos braços do homem que ama? A atração entre Polly e Everett pode ser deixada de lado para ajudar a família Chapman a se curar? Polly encontrará a aventura que ela quer, mesmo que não seja a que ela estava procurando?

SOBRE CHRISTINE



Christine Sterling publicou seu primeiro livro de forma independente em 2017. Ela é a criadora da popular Pinkerton Matchmaker Series, Proxy Bride Series e North and South Series. É autora em várias colaborações, incluindo: The Belles of Wyoming, Cowboys and Angels, The Widows of Wildcat Ridge e Silverpines, onde seu livro Wanted: Medicine Man ganhou o melhor romance histórico de 2018. Ela recentemente se juntou à Sweet Promise Press como uma escritora histórica. autora de romances, escrevendo a série Pioneer Brides of Rattlesnake Ridge.

Ela escreve romances históricos de faroeste doces e saudáveis, bem como romances contemporâneos agradáveis. Ela mora na Pensilvânia com o marido, um Shih Tzu mimado, dois pastores alemães e um enérgico Border Collie, que a mantém alerta.

Ela passa seu tempo escrevendo, pensando em escrever e sonhando em escrever. Suas coisas favoritas são uma boa xícara de chá, cachorrinhos aconchegados, um filme que vai fazer você chorar e ouvir seus leitores.

INFORMAÇÕES LEABHAR

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)

Table of contents

1. [Capa](#)
2. [Folha Rosto](#)
3. [Direitos Autorais](#)
4. [Agradecimentos](#)
5. [Os Chapmans e Os Hartmans](#)
6. [Prólogo](#)
7. [Capítulo 1](#)
8. [Capítulo 2](#)
9. [Capítulo 3](#)
10. [Capítulo 4](#)
11. [Capítulo 5](#)
12. [Capítulo 6](#)
13. [Capítulo 7](#)
14. [Capítulo 8](#)
15. [Capítulo 9](#)
16. [Capítulo 10](#)
17. [Epílogo](#)
18. [Conheça Os Hartmans](#)
19. [Mais dis Chapmans por vir](#)
20. [Os Chapmans](#)
21. [Sobre Christine](#)
22. [Informações Leabhar](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)